

Foto Miro Meirelles

Mensagem do Presidente



O CARNAVAL CARIOCA, em suas várias amplitudes, vem se destacando no cenário doméstico e internacional nos últimos anos, seja através de sua manifestação mais popular, como nos tradicionais blocos de rua ou dos grandiosos desfiles proporcionados pelas escolas de samba. Estas conseguem reconhecimento cada vez maior através da crescente qualidade apresentada em seus desfiles e devido a enorme contribuição cultural que doam aos espectadores do carnaval. Beleza e plasticidade em um espetáculo inesquecível.

O reconhecimento dessa importante participação, com uma primorosa trajetória, constituindo um valioso patrimônio cultural nacional, tem motivado a Mocidade a investir esforços no resgate de sua memória. Esse audacioso e riquíssimo projeto, realizado junto aos nossos mais fiéis parceiros, propiciou a concretização do sonho de dar a Mocidade um veículo de identidade novo e de extrema qualidade. Um projeto rico em conteúdo histórico e documental, mas ao mesmo tempo, ousado nas inovações gráficas. Uma revista que faz a simbiose perfeita entre nossa história e lembranças de mais de meio século de carnaval com os nossos projetos para o futuro que se desenha.

O G.R.E.S Mocidade Independente de Padre Miguel, em seus diferentes enredos, soube reconhecer e divulgar os caminhos do sonho, da tradição, do folclore e da ciência, sendo referência e, muitas vezes, o foco das inovações nesse grande espetáculo, que é o carnaval carioca.

Uma boa leitura a todos os que se interessam pelos caminhos onde realidade e fantasia se misturam, bem como os amantes da Mocidade, que, com seus fragmentos reconstruídos através da preservação de sua memória, evidenciam os caminhos trilhados ao longo do tempo e ajudaram a manter-se viva a nossa história.

Paulo Vianna

Presidente da G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel

Sumário

A comunidade 14



"Sou independente, sou raiz também, sou Padre Miguel, sou Vila Vintém" 16
As riquezas do outro lado do túnel 22
O Calor em Bangu 26
Rapsódia de Saudades 28

51 anos 32



Vira, Virou: Retratos da Mocidade 34
Lá vem a bateria da Mocidade Independente, não existe mais quente 38
Celeiro de bambas e craques 44
Os (ainda) desconhecidos bastidores dos desfiles 46

Carnaval 2007 48



O "Operário da Folia" - Alex de Souza 50
O destino do homem num sombrio futuro 54
A voz do Samba 60
Um Carnaval feito à mão 62
Mulata Hightec 66
Enredo 2007 68

A Mocidade 72



Entevista com o Presidente Paulo Vianna 74
A eterna Mocidade de uma Mocidade 78
Entrevista com Eduardo Paes 81
Uma escola que não é só de samba... 84
A minha Mocidade 86

Editorial



"Futuro no pretérito – O Brasil feito a mão", enredo da Mocidade em 2007, vislumbra no artesanato uma alternativa de trabalho para o futuro incerto e cada vez mais dominado pela tecnologia. Parte do passado para falar do presente e, sobretudo, do futuro.

Futuro no pretérito. Essa sentença define com precisão o momento por que passa a Mocidade. Momento de transição para o modelo profissional de gestão do carnaval, momento de olhar para a frente, mas sem esquecer o que está atrás. Sem sua história, seus baluartes, suas conquistas, não haveria presente – e não haverá futuro.

Esta revista pretende mostrar, em reportagens, entrevistas e artigos, um pouco desse desafio: os antigos carnavais, o desfile que está sendo preparado e os projetos para as próximas décadas. Não é fácil - mas, em seus 51 anos de história, a Mocidade sempre soube superar os obstáculos.

Só assim, conjugando o ontem, o hoje e o amanhã, é que a Mocidade voltará à posição que, no carnaval do Rio de Janeiro, ela sempre ocupou.

Mensagem do Presidente da LIESA



Ao ASSUMIR a presidência da Liga Independente das Escolas de Samba da cidade do Rio de Janeiro, em 2001, afirmei em meu discurso de posse que duas palavras se traduziriam nos sentimentos que regeriam minha administração a frente da LIESA: ousadia e criatividade.

Ao longo destes seis anos à frente da Liga, pude acompanhar de perto iniciativas das mais ousadas e criativas por parte de agremiações que gravaram seus nomes na história do espetáculo mais popular e gigantesco do universo, o carnaval. Para este carnaval que se aproxima e ao longo de todo um ano de trabalho, a Mocidade Independente de Padre Miguel desenvolveu mais um exemplo de aliança entre ousadia e criatividade em benefício do carnaval.

Esta revista da Mocidade Independente de Padre Miguel é uma iniciativa louvável que alia a ousadia positiva de agregar conteúdo e efeitos gráficos jamais utilizados em termos de publicações voltadas para o carnaval e inovações que prometem acrescentar brilho a passagem da agremiação pela avenida,

Acredito assim, que este veículo venha a representar um novo atrativo para compreensão popular do espetáculo histórico que representa o carnaval e um instrumento de divulgação deste para milhares de turistas que visitam a cidade. Mais que isso, que a iniciativa semeie este mesmo sentimento em termos de ousadia em outras agremiações e que este surto de criatividade permita que todas estas agraciem o nosso carnaval com publicações desta qualidade.

Ousadia, criatividade e um belíssimo carnaval em 2007.

Ailton Guimarães Jorge

Presidente da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (LIESA)



Mensagem do *Prefeito*



A nossa Mocidade Independente é um patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Muitos que olham de longe pensam que a Escola de Samba é feita para os desfiles no Carnaval.

Na verdade este é um momento apenas. Momento culminante é verdade. Mas há todo um processo permanente de produção de cultura popular, de formação de bailarinos, de cenógrafos, de artesãos, de costureiras... enfim um mundo que não pára nunca e que faz parte da identidade de nossa cidade. E mais ainda: as atividades da Mocidade Independente cumprem função de integração e de inclusão sociais. Por isso tudo, esta nova produção da Mocidade deve ser contemplada por todos nós.

A Mocidade o meu muito obrigado, em meu nome e em nome da cidade do Rio de Janeiro.

Cesar Maia

Prefeito da cidade do Rio de Janeiro

Babadão da Folia e Mocidade, uma parceria que dá Samba.

BABADÃO DA FOLIA
ARTIGOS DE CARNAVAL
RJ

ARMARINHO E AVIAMENTOS
TECIDOS, PENAS E BOÁS EM GERAL
NOIVAS - FESTAS - PASSAMANARIAS

Tel./fax: (21) 2507-0598
Rua Buenos Aires, 287 e 300
Rua República do Libano, 46A - Centro
www.babadodafolia.com.br • e-mail: babado@olimpo.com.br
NOVA LOJA: Rua da Alfândega, 365 - Tels.: 2509-0091 e 2224-8405

Presidente *Paulo Vianna*
Vice-Presidente *Wandyr Trindade*

marlyn comunicação

Expertise Comunicação

Diretor-Presidente *Wilson Alvarenga*
Vice-Presidente *Joel Vaz*
Diretor Executivo *Igor Leal*
Editor *Bruno Filippo*
Editor-Assistente *Rodrigo de Castro*
Dir. Projeto Editorial *Igor Leal*
Designe/Diagramação *Nathalia Barone*
Produção Gráfica *Marcelo Araújo*
Reportagens *Bruno Filippo*
Rodrigo de Castro
Fábio Fabato
Marcelo G. Pires
Luiz Fernando Vieira
Thatiana Pagung
Colunistas *Roberto Assaf*
Reinaldo Leal
Revisão *Bruno Filippo*
Rodrigo de Castro

Fotografia *Fernando Sotello*
Miro Meirelles
Henrique Mattos
Diego Mendes
Edição Fotográfica *Marcelo Araújo*
Ilustração e Capa *Edson Junior*
Direção Comercial *Américo P. Conde*
Dep. Comercial *Leandro Serri*
Impressão & CTP *Gráfica MEC*
Circulação *Marlyn Comunicação*
Divulgação *Ricardo Cêda*
Dep. Jurídico *Dr. Emerson L. Mazzini*
Dr. Manoel Ricardo Leite

Colaboradores *Dep. Cultural Mocidade Célia Vianna - Regina Célia - Ricardo Cêda - Ailton Guimarães Jorge - Janice (LIESA) - Paula Brazuna - João Luiz Pereira - Letícia Barbosa - Ellen Tavares (Pesquisa) - Alberto Martins - Douglas da Lapa - Anaías (Dida) - Alberto, Ricardo & - Rodrigo Ahmed - Fábio Castro - Mário Bonini - Alex Medeiros*





A comunidade



Foto Miro Meirelles

A PALAVRA COMUNIDADE há muito foi incorporada ao vocabulário das escolas de samba. E tornou-se uma identidade própria, impessoal, a quem se atribui grande poder de decisão, o que pode ser facilmente constatado em frases como “a comunidade decidiu que isso não é o melhor para a escola...”, ditas à exaustão por presidentes, diretores, jornalistas e amantes do samba. Que é – ou quem é – comunidade? Não interessa, aqui, a discussão sobre a pertinência do conceito tal como vem sendo usado. A comunidade das escolas de samba é composta por pessoas que, independentemente da condição social, da cor da pele ou do bairro onde moram, devotam-se às agremiações, trabalham por elas, abdicam de sua vida pessoal e profissional para vê-las brilhar na avenida. Como as personagens que estão retratadas nas próximas páginas.

“Sou independente, sou raiz também, sou Padre Miguel, sou Vila Vintém”

Guardiões da história da Mocidade, antigos componentes relembram seus laços com a escola e provam que, mesmo profissional, o carnaval ainda é uma história de paixão e dedicação.

Por Fábio Fabato



Macumba


Orozimbo


Prego

Uma escola de samba é construída e movida por sonhos. A realidade fantasiada por mentes delirantes termina por desembocar em cerca de 700 metros de avenida. Quiseram os deuses do carnaval que essa ilusão toda durasse apenas quatro dias, pelo menos no calendário. Mas a verdade é que a vida de uma agremiação constrói-se a partir de um trabalho realizado o ano inteiro. Vida que se confunde com a de muitas pessoas – do menino de pés descalços que bate bola e arrisca o primeiro dedilhar no cavaco à antiga baiana de sorrisos e quitutes fartos. Na Mocidade, escola nascida sob as bênçãos de uma amizade construída em campos de futebol, cuja força comunitária sempre foi marca registrada, não poderia ser diferente: muitos dos seus artistas moram nos arredores da Rua Coronel Tamarindo. E, claro, vivem o carnaval no dia-a-dia.

Seu nome de batismo é “Mocidade do Independente de Padre Miguel”. A preposição “do” nos parece estranha atualmente, mas está registrada na ata da primeira reunião, em 10 de novembro de 1955. Segundo Hermano Pereira da Costa, o Mulato, da velha guarda, a idéia era mostrar que ali nascia a escola de samba dos amigos do “Independente Futebol Clube”, time de futebol nascido em 1952. Um claro indício, portanto, de que a Mocidade foi concebida já com a idéia de representação e agregação de um seguimento de pessoas, a gênese do que viria a ser a sua grande comunidade.

Não demorou muito para os primeiros talentos espocarem pelas ruas da Vila Vintém e Padre Miguel. E para que fosse desenvolvida uma relação indissociável entre eles e a agremiação recém-criada. Elizete Cândida da Silva, a Tia Remba, primeira porta-estandarte e porta-bandeira, emociona-se ao lembrar de sua estréia: “Eu tinha 16 para 17 anos quando cheguei aqui. Falar de Mocidade é falar da minha própria vida. Largava panela no fogo, filho pequeno chorando, largava tudo pela escola. Meu amor por esta bandeira é eterno”, diz.

“E você se lembra quem foi o seu primeiro mestre-sala na Mocidade, Remba?”, pergunta o sorridente Orozimbo Oliveira, um dos fundadores e presidente da Mocidade entre os anos de 1962 e 1964. A resposta? “Mestre André! O homem comandava a maior das baterias e também entendia do riscado”, conta ele. A história da Mocidade tem em Orozimbo uma espécie de ícone. Ele é o pai do atual mestre de bateria da escola, Jonas, e do mestre de bateria da Imperatriz Leopoldinense, Jorjão, que também já comandou os ritmistas da escola de Padre Miguel.

“No dia em que, pela primeira vez, conseguimos vender duas caixas de cerveja, foi festa na quadra. Hoje, entram carretas e mais carretas aqui, nossa escola é conhecida por todos. Mas maior que tudo isso são as amizades construídas, estas não têm preço”, afirma. Geraldo de Souza, o Prego, também fundador da escola, complementa: “Olhar para trás e ver que estamos deixando uma escola grandiosa para os mais moços é o meu maior orgulho”.

Wandyr Trindade, o Macumba, atual vice-presidente executivo e presidente da velha guarda, é outro nome de importância para a Verde-Branco de Padre Miguel. Também remanescente do “Independente Futebol Clube”, em sua casa funcionou a primeira sede da Mocidade, ainda de forma improvisada. Seu tio, Sylvio Trindade, o Vivinho, foi o primeiro presidente da escola. “Acompanhei todo o processo de nascimento e crescimento da estrela-guia. Ela é a amante que a minha mulher consente, por quem também sou apaixonado”, diz.

Lições dos mais antigos

Ex-porta-bandeira, Maria da Glória Pereira Gomes, a Glorinha, diz sem pensar duas vezes o primeiro lugar onde a Mocidade fazia os seus ensaios: “Era no terreno de minha avó, Dona Maria do Siri. No início, tudo acontecia na base do improviso mesmo. Ela cedia espaço e umas panelas para a comilança depois. É interessante notar que a Mocidade foi construída graças aos legados que foram sendo deixados: o filho que vinha

por causa do pai, a filha que acompanhava a mãe... As famílias fortaleciam e fortalecem seus laços na Mocidade", conta.

A escola rumou para a elite do carnaval carioca após a folia de 1958, vencida, no grupo de baixo, com o enredo "Apoteose ao Samba". Mas passou a estruturar-se como um grêmio de força no carnaval carioca somente a partir da década de 1970. Esse crescimento, entretanto, não atrapalhou a estreita relação desenvolvida entre a Verde-Branco e a sua comunidade. Nascido na "Barão com a Belizário", que "não é lugar de otário", como ele afirma e canta, Tiãozinho da Mocidade ingressou na ala de compositores em 1976. Assíduo freqüentador dos ensaios desde garoto, foi apresentado pelo compositor Osvaldo Pindorama, que o levou ao fundador da velha guarda da Mocidade, Tio Dengo (Ariodantino Vieira), também ex-presidente da escola.

"Eu tive a felicidade de colar com a velha guarda. Na época, Tio Dengo disse que só me aceitaria entre os compositores se eu aprendesse algum samba mais antigo. Ele reclamava que ninguém mais queria cantar aquelas obras. Sempre presente aos ensaios, eu conhecia todas elas. Foi uma surpresa que o emocionou", lembra. Co-autor de clássicos como "Vira, virou a Mocidade chegou" (1990) e "Chuê, chuá, as águas vão rolar" (1991), Tiãozinho hoje está diretamente ligado à velha guarda da Mocidade, comandando shows com os baluartes da agremiação.

Essa via de mão dupla entre novatos e mais antigos é a mola mestra que proporciona à bem-sucedida renovação nos mais diversos setores da Mocidade Independente. Bibiana, uma das mais importantes baianas da escola, antiga integrante da extinta ala das Caprichosas, por exemplo, é filha da primeira



Foto Miro Meireles

baiana, já falecida, Francisca Ferreira dos Santos – a Tia Chica –, o que reforça a fala de Glorinha sobre a espécie de "passagem de bastão", acontecida de tempo em tempo.

Sonhar e conquistar

Tia Nilda, a atual presidente das chamadas "mães do samba", conta que para desfilar pela primeira vez, em 1979 (ano do primeiro campeonato da escola entre as grandes), teve de enfrentar temporal e enchente para conseguir a sua vaga: "Eu só pude me inscrever no último dia, mas a minha vontade de me associar àquelas senhoras era tanta, que encarei todas as situações adversas. No dia do desfile, recebi a fantasia às 11 da noite e tinha de estar à meia-noite na avenida. Fui toda vestida no trem. Meu chapéu, que era uma caravela, balançava pra lá e pra cá", diz rindo.

Ela hoje é uma das lideranças mais importantes da Mocidade Independente, tendo conquistado o amplo apoio de suas comandadas, como conta Bibiana: "Nós temos mais do que uma presidente. Temos uma amiga, uma mãe, que começou como uma simples componente da ala, e que hoje é a principal responsável pelo nosso sucesso na avenida. O prêmio Estandarte de Ouro, que ganhamos em 2006, não me deixa mentir", afirma.

Exemplo de conquistas, sonhos alcançados, e satisfação pessoal são características de fácil identificação em todos os que vivem e fazem a Mocidade. Marinalva Santos é síntese de tal quadro. Ex-passista, conseguiu reunir forças após o falecimento do marido, Ararê de Assis, em 2004, para continuar a fantasiar os sonhos de carnaval dos desfilantes da ala "Bons Amigos".

O grupo nasceu de um convite feito em 74 a Ararê pelo atual vice-presidente administrativo, Benjamin da Silva Filho, o Didiu. Rebatizada como "Bons Amigos do Ararê", a ala se mantém como um segmento de importância da Verde-Branco. "Tenho certeza de que a vontade do Ararê era a de ver o seu amor pelo carnaval continuar vivo. Fiz a minha parte", afirma Marinalva.

Já Evaldo Jr., compositor campeão da Estrelinha em 2003 e 2004, conseguiu realizar o sonho de, com apenas 16 anos, concorrer com uma obra na disputa de samba-enredo da Mocidade. Mais uma vez a comunidade da escola demonstrava sua força ao prestigiar as pratas da casa: "Foi muito emocionante e gratificante. Como compositor mirim, sempre tive vontade de subir este degrau. Aí, no concurso visando ao carnaval 2007, apareceu esta oportunidade e eu agarrei. Ter ficado entre os 10 já foi uma grande conquista", conta.

O fato é que a Mocidade de Mestre André, de Careca, de Ney Vianna, de Castor de Andrade, de Fernando Pinto, de Toco e tantos outros também só foi e é possível pelo trabalho, pela garra e pela dedicação daqueles que vestem a fantasia em cada desfile. A artista plástica capixaba Ligia Margotto todo ano desembarca em solo carioca para desfilar na Mocidade. "Apaixonei-me pela escola em 1990, ano de nosso terceiro campeonato. É indescritível esta relação por uma referência cultural que não é do nosso estado. Só sei que aprendi a amar a escola e através dela fiz muitos amigos foliões", conta.

São foliões, de muitos ou poucos carnavais, que evoluem ao som do ziriguidum e dos acordes criados na vila das casas que não valiam um vintém – como se dizia antigamente. A tal "Mocidade do Independente" perdeu a preposição de batismo, mas não jogou fora o elo com os ditos "independentes", aqueles que continuam a escrever a mãos mil a sua vitoriosa história.

46 episódios de uma *emoção*

Por Rodrigo de Castro

Poucas personalidades do mundo do samba permitem-se acumular tantos "cargos" quanto o senhor Benjamim Silva. Trata-se do vice-presidente administrativo, administrador da quadra, presidente das Alas Filiadas, fundador e coordenador da Ala das Crianças e presidente da Ala dos Coringas, uma das mais antigas e famosas alas de componentes da Mocidade Independente de Padre Miguel. Mesmo diante de tantos cartões de visita, este senhor de 69 anos passaria despercebido diante dos milhares de componentes da escola, caso não fosse apresentado aqui pela alcunha com a qual é reconhecido e adorado no universo do carnaval: "Seu Didiu".

Participando ativamente do cotidiano da agremiação há exatos 45 anos, Seu Didiu é o responsável pela quadra da agremiação, uma mistura de administrador e zelador do tradicional celeiro de bambas, localizado bem abaixo do viaduto que corta o bairro de Padre Miguel, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Orgulha-se de afirmar que doa 90% de sua vida em função da Mocidade e acompanhou de perto os carnavais históricos, os momentos de euforia proporcionados pelos campeonatos conquistados, as lágrimas de frustração com as derrotas e viveu ao lado de baluartes da escola, como Mestre André e o saudoso Toco.

Sobre a emoção da avenida é enfático: "Participei de todos os 46 carnavais realizados pela Mocidade e cada um deles foi um episódio de emoção para mim".



Tia Nilda



Tia Remba



Tia Bibiana

As riquezas do outro lado do túnel

Por Rodrigo de Castro

Tão distante em quilometragem da badalação cultural e comercial do Centro e da Zona Sul carioca quanto dos grandes investimentos corporativos e imobiliários e até mesmo governamentais, a Zona Oeste do Rio de Janeiro ostenta em seus quase 60 mil hectares riquezas históricas e naturais que fazem a região flertar com um futuro promissor em termos de crescimento econômico-industrial e despontar como próximo roteiro turístico do Rio de Janeiro.

Capitaneada pela vocação historicamente industrial do bairro de Bangu e pelas riquezas naturais de Campo Grande, essa região onde residem mais de um milhão e meio de cariocas possui uma peculiar dualidade: o acelerado crescimento comercial aliado a uma vocação boêmia que muito remete ao Rio de Janeiro de décadas atrás.

Berço da Mocidade Independente de Padre Miguel e do Bangu Atlético Clube, que graças a seus feitos no carnaval e no futebol, respectivamente são os maiores motivos de orgulho para a população local, a Zona Oeste é a região que mais cresceu na cidade na década de 90, segundo dados do Censo do IBGE de 2000. Ali a atividade econômica é composta por mais de 7.200 estabelecimentos, sendo 87,2% de comércio e serviços, que empregam cerca de 200 mil pessoas. O volume de negócios gira em torno de R$ 293,9 milhões de arrecadação de ICMS, uma das maiores do estado.

Apesar dos índices de Desenvolvimento Humano (IDH) ainda serem considerados baixos, a Zona Oeste cresceu cerca de 31,7% nos últimos dez anos e passou a ter o maior contingente populacional da cidade, atraindo cerca de 273 mil novos residentes. Torna-se fácil compreender essa atração pela região que no mesmo período recebeu a chegada de trinta novas industrias e viu sua zona comercial crescer vertiginosamente nos últimos anos, proporcionando excelentes oportunidades de trabalho para a população que vivia em regiões já saturadas comercialmente.

Todo este crescimento é histórico e acompanha a localidade não somente na ultima década, mas desde seu surgimento. Não se pode tratar a história da Zona Oeste de modo separado do desenvolvimento do restante da cidade do Rio de Janeiro. A importância dos Jesuítas na fundação da cidade refletiu-se na concessão de diversas sesmarias que obtiveram e que deram origem às produtivas fazendas que geraram as características progressistas da região. Num primeiro momento a riqueza da área se escorava na produção de farinha, arroz, açúcar e principalmente frutas cítricas, como laranjas.

O século XIX marca a decadência do ciclo da cana-de-açúcar, substituído pela pecuária. Os rebanhos da Zona Oeste eram os grandes fornecedores de carne para a cidade e o próprio matadouro municipal acabou transferido em 1981 para a região de Santa Cruz. O café começa a despontar como alternativa comercial para exportação e mais uma vez a região mostra sua vocação pioneira. Além de produzir em grande escala, os grãos eram facilmente escoados da Zona Oeste para o porto da cidade, através da estrada de ferro de Deodoro. Soma-se a essa vocação a instalação de diversas bases militares em Realengo, alguns anos depois e está assim delineada a importância historicamente comercial da região.

É de imaginar que a ferrovia fora imprescindível para a intensificação urbanística e ocupação das áreas da Zona Oeste, uma vez que tornou viável o transporte de produtos e pessoas até a região que se mantinha até então isolada do restante da cidade. Somente assim, a localidade interage com a forte vocação industrial para qual emergia a economia do Rio de Janeiro. A ações voltam-se para a fabricação de tecidos, calçados, mobiliários etc. Dá-se assim, o episódio mais significativo para a crescente e rápida povoação da Zona Oeste quando da inauguração e estabelecimento da Companhia Progresso Industrial de Bangu (Fábrica de tecidos Bangu), que foi responsável pela caracterização de bairro proletariado e gerou o planejamento necessário para que o local crescesse em torno da fábrica que durante muitos anos exportou a marca Bangu para todo o mundo.

Todo esse crescimento favoreceu a população uma excelente qualidade de vida, já que a fábrica permitia a seus empregados casas construídas com materiais vindos da Europa e mantendo o modelo de arquitetura inglesa que até hoje caracteriza as grandes construções antigas da região, como velhas fábricas desativadas, igrejas, fazendas e casarões.

A vocação industrial da região confirmou-se ainda por décadas a fio até os dias atuais em diferentes fases e foi incrementada pelo governo do presidente Washington Luis, na década de 30, quando a antiga Estrada Real, no distrito de Campo Grande foi incorporada à então estrada Rio-São Paulo e posteriormente, em 1946, quando se dá a abertura da Avenida Brasil, que aproximou definitivamente a região dos centros urbanos da cidade.

Fábrica de Tecidos Bangu



Foto Arquivo da Prefeitura do Rio de Janeiro

Ecoturismo, lazer & tradições Histórico-culturais.

A riqueza da Zona Oeste transcende a sua vocação industrial e comercial quando a região incorpora em definitivo o espírito boêmio, herança dos primeiros sambistas que formavam as rodas de samba na atual Praça de Padre Miguel e do gosto pelo futebol apresentado pelos imigrantes ingleses que apresentaram o esporte aos operários da Fábrica de Tecidos Bangu.

Hoje, a região aspira figurar definitivamente dentre os atrativos turísticos da cidade, graças aos vastos e belíssimos sítios naturais que circundam a região, como o Morro do Coqueiro, a Serra do Mendanha, onde se desenvolveu o Parque Ecológico do Mendanha e o Parque Estadual da Pedra Branca.

A riqueza histórica dos bairros da Zona Oeste também salta aos olhos e assim impulsionou a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro a desenvolver um roteiro de turismo histórico a ser implementado em seu Plano Estratégico para a região que prevê a inclusão de praças, monumentos, casarões antigos, igrejas e industrias abandonadas que serão transformados em museus, como por exemplo, a Fábrica de Tecidos Bangu, que através de uma parceria com a iniciativa privada será transformada num museu e em anexo a um shoping center. Uma opção a mais de cultura e lazer para a região.

Lonas culturais, uma vasta área de concentração de restaurantes que tornam a região propicia ao turismo gastronômico, algumas praias belíssimas como Pedra de Guaratiba, opções de entretenimento, como o shoping center West Shoping e as badaladas casas noturnas da região complementam o roteiro de riquezas do outro lado do túnel.

Existe ainda a expectativa de se construir na localidade a "Fábrica do Carnaval". Trata-se de um museu que concentre a história dos grandes carnavais que marcaram época na cidade, que seria construído no bairro de Padre Miguel, berço e um dos maiores orgulhos e riqueza da região, a Mocidade Independente, que apesar de levar o nome do bairro, poderia se chamar Mocidade Independente da Zona Oeste.

Hangar do Zeppellin

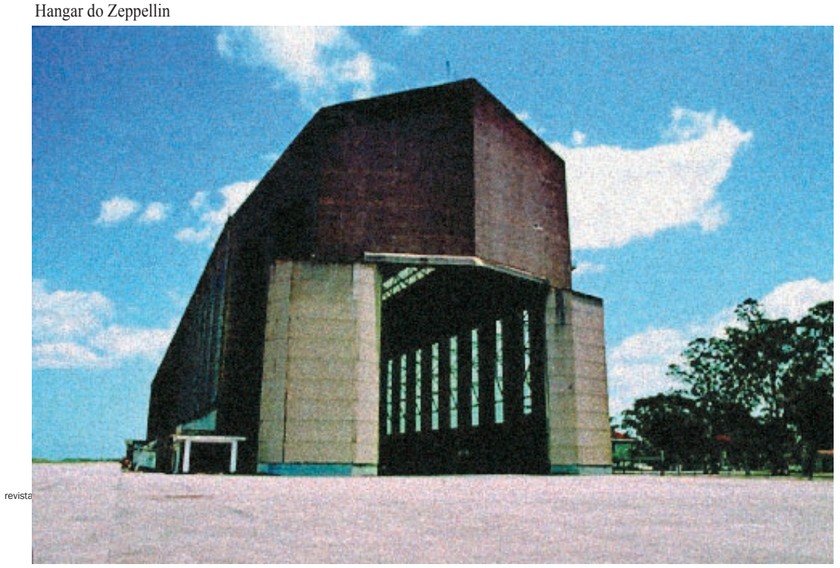


Foto de Arquivo da Prefeitura do Rio de Janeiro

Embalos econômicos de sábado à noite

Bairro de Padre Miguel, noite quente de um sábado de fevereiro, quadra da Mocidade. Milhares de pessoas chegam à Rua Coronel Tamarindo e antes do encontro com a famosa bateria da Verde-e-Branco fazem do local o ponto de encontro que movimenta economicamente a região. A informalidade não se torna empecilho para que alguns comerciantes que se estabelecem no local, nos dias de samba, possam sobreviver dos lucros obtidos com a venda de bebidas e guloseimas.

Provém dos encontros dos foliões que visitam os ensaios da Mocidade, antes de adentrar a quadra da escola, o sustento financeiro para toda a família da comerciante Elisier de Souza, que concentra seu ponto de comercialização exatamente em frente a entrada da agremiação. Aos 48 anos, sendo dez dedicados ao trabalho informal, a comerciante alcançou o objetivo de permitir aos seus dois filhos o ingresso no curso superior, ao mesmo tempo que conseguiu quitar parte de uma casa, comprada no bairro. Ainda que seja impossível precisar o lucro dos comerciantes que trabalham no local, Elisier não representa um caso isolado. O próprio Bar da Velha Guarda, que reúne os membros vivos da história da Mocidade em suas rodas de samba que antecedem o ensaio, mantém-se em atividade graças ao lucro obtido com a venda de cervejas que refrescam a garganta dos ritmistas e compositores que lotam o local, num cenário que já se desenha tradicional às noites de sábado, em Padre Miguel.



Calor em Bangu

TÃO QUENTE quanto a bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel são as tardes ensolaradas da Zona Oeste, em especial nos bairros de Bangu e Padre Miguel, onde se registram, facilmente, temperaturas acima dos 40º Celsius.

Das hipóteses aventadas para explicar por que a região é uma das mais quentes do Rio, a mais aceita é a que alia a temperatura local à presença de vulcões inativos na região. Há aproximadamente 40 milhões de anos, dois vulcões entraram em erupção no Rio de Janeiro: um na Serra do Mendanha, região de Campo Grande, e outro na Serra de Madureira, que divide os bairros de Bangu e a cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O da Serra do Madureira foi descoberto pelo geólogo Alberto Ribeiro, em 1935 e catalogado em 1966. O vulcão pode ser visto inclusive da Avenida Brasil, na altura de Campo Grande, e sua altura é de aproximadamente 300 metros, tendo sua cratera, coberta pela floresta, 400 metros de diâmetro.

Estima-se que as erupções na região devem ter ocorrido de forma violenta, já que os dois vulcões apresentam uma formação comum, e o mesmo tipo de magma alcalino de natureza explosiva, daí a influência na temperatura da região.

O PRIMEIRO CALÇADÃO CLIMATIZADO DO BRASIL.

Por mais mitológica que possa parecer a versão da interferência dos vulcões na temperatura da região, o real calor provocado pelas altas temperaturas gerou uma criação inusitada: o primeiro calçadão climatizado do país.

O projeto e a montagem do sistema de climatização através de micro-jatos de água foram idealizados pelo arquiteto Paulo Casé em 2002 e tornou-se um projeto pioneiro, pois foi o primeiro registro de um projeto de climatização de área pública do país. Hoje, o calçadão comercial climatizado de Bangu é um sucesso. Funciona em perfeitas condições e é uma das sensações do bairro, beneficiando o cidadão e o fomento do comércio local.

1 sede
1 filial
60 veículos
830 fornecedores
41 departamentos
12 mil colaboradores
mais de 1500 contratos
1 Centro de Treinamento

É com essa ficha técnica que a Nova Rio
brilha no mercado carioca de terceirização
de serviços há mais de 21 anos.

Poupe seus Recursos Humanos.
Use os nossos.

(21) 3461-8555
www.novario.com.br

NOVA RIO
SERVIÇOS GERAIS

Rapsódia de saudades

Toco, antes de despedir-se da vida, deixou à escola sua derradeira obra. Ele não é somente o maior vecedor de sambas-enredo: sua vida confunde-se com a história da Mocidade. Um de seus parceiros lhe rendeu homenagem antes de partir, também.

Por Fábio Fabato

TODA ESCOLA DE SAMBA de ponta traz na bagagem fundamentos característicos, ainda que possam sofrer transformações com o tempo: uma batida diferenciada e identificável, um direcionamento estético, um estilo próprio de construção de seus sambas-enredo. E sabe, com clareza, identificar aqueles que ajudaram a delinear o seu jeito de ser, a simbologia que o inconsciente coletivo tomará por marca, o auto-reconhecimento na hora do estourar dos fogos na pista dos desfiles. Um homem com pinta de garoto, sorriso fácil, corpo franzino, foi dos maiores responsáveis pela forma com que a Mocidade Independente se descobriu e cantou os seus carnavais, desde os primeiros anos de fundação.

Antonio Correia do Espírito Santo, mais conhecido como Toco, ganhou 12 disputas de samba na Verde-Branco. A escola faturou seis campeonatos, sendo cinco no Grupo Especial; em quatro - incluindo o título que em 58 carimbou o passaporte para o grupo das grandes escolas - havia o nome de Toco entre os autores do samba. Mas, além de embalar apresentações vitoriosas, a obra do chamado "poeta maior", falecido em novembro de 2006, ajudou a construir a própria história da Mocidade Independente.

"Quando estávamos compondo "A vida que pedi a Deus" (2006), ele me disse que conhecia o estilo da escola. Na mesma hora, retruquei: você não conhece o estilo da Mocidade, você é o próprio estilo", revela Marquinho Marino, parceiro de Toco e Rafael Só nas duas últimas composições vitoriosas em Padre Miguel. O intérprete Roger Linhares, filho do compositor, conta que a poesia do seu pai foi primordial para que decidisse virar sambista: "Eu fui muito influenciado pela música dele, desde pequeno. Ficava cantarolando as suas obras, cresci envolvido por aqueles acordes fantásticos. Cheguei, inclusive, em 1982, a participar de um festival no colégio onde estudava, o Presidente Kennedy, tendo ficado em segundo lugar ", rememora Roger.



Foto www.sxc.hu



Foto de Arquivo da Mocidade

Toco na quadra da escola de samba para qual viveu, e dedicou todos os seus momentos de inspiração musical.

Uma ala vitoriosa

A ala de compositores da Mocidade, conhecida por ter concebido poesias fantásticas para o samba carioca, acabou sendo muito marcada pelo seu jeito de compor. Dois nomes vitoriosos da escola, Tiãozinho da Mocidade e Jefinho, encontraram, em 1976, um momento-chave para a trajetória de sucesso que trilharam na agremiação. Não é de espantar que, naquele ano, a Verde-Branco tivesse desfilado com uma das composições mais conhecidas de Toco, "Mãe Menininha do Gatois". Tiãozinho tornou-se compositor da escola justamente naquele carnaval. Jefinho, presidente da ala de compositores desde 2000, autor de obras consagradas como "Criador e criatura" (1996) e "O grande circo místico" (2002), teve sua entrada na Mocidade batizada pelo samba que, entre outros versos, dizia "já raiou o dia, a passarela vai sei se transformar...". "Cheguei à Mocidade no ano em que Toco tinha criado aquela ode maravilhosa a uma das maiores personagens da Bahia. Tornei-me ritmista da escola, vindo da Unidos de Padre Miguel. Na ala de compositores, ingressei em 1986. No ano anterior, faturara um samba em nossa co-irmã de bairro. Fui recebido aqui de braços abertos, aprendendo, no contato com tantos mestres, as melhores lições", diz Jefinho.

Dico da Viola, outro baluarte campeoníssimo nas disputas de samba em Padre Miguel, tendo assinado hinos como "O








Fotos Arquivo Mocidade

Mesmo debilitado, Toco e Rafael Só não deixaram de comparecer à escolha do samba-enredo, na quadra da Mocidade. Nas duas primeiras fotos, eles comemoram junto com parceiro Marquinhos Marino. Depois, Toco ao lado do presidente Paulo Vianna. Esta seqüência de fotos é o registro das últimas imagens dos dois poetas.

velho Chico" (1982) e o já citado "O grande circo místico" (2002), também se ligou profissionalmente à escola na década de 1970. "A Mocidade é a agremiação do meu coração, do povo da Vintém. Uma autêntica família. Já tive convites para compor em outros lugares, mas daqui eu não saio", diz o compositor.

Em sua opinião, Toco deixa na Coronel Tamarindo um legado inestimável para as novas gerações: "O samba de minha autoria de que mais gosto é "Elis, um trem chamado emoção", de 1989. Nele, há um verso que diz: "Amigo é pra se guardar dentro do peito / Do lado esquerdo, no coração". A Mocidade vai manter este nosso grande compositor eternizado no lado esquerdo do peito", afirma.

Tiãozinho, parceiro de Toco nos vitoriosos "Vira, virou, a Mocidade chegou" (1990) e "Chuê, chuá, as águas vão rolar" (1991), relembra uma história curiosa: "No ano de 1979, primeiro campeonato da Mocidade, nosso "poeta maior" e seu amigo Djalma Crill, haviam decidido não fazer samba. Faltando poucas horas para o fechamento das inscrições, resolveram pensar na obra. "Pegaram uma fita e eu fui anotando para eles, em letra de fôrma, o que brotava daquelas mentes iluminadas. Em poucos instantes, estava ali o hino que seria aclamado na Quarta-Feira de Cinzas", conta.

Sobre a composição dos sambas que dariam à Mocidade o bi-campeonato, no início da década de 1990, Tiãozinho afirma que ele, Toco e Jorginho Medeiros - que também estava na parceria – formavam um trio que, literalmente, "funcionava por música". O refrão central de "Vira, virou, a Mocidade chegou", imortalizado por trazer os pilares comunitários da Mocidade Independente (Padre Miguel e Vila Vintém), por exemplo, foi todo trabalhado em conjunto, tornando-se a estrofe mais bem-sucedida daquele carnaval.

"Amar, viver, sonhar, acreditar..."

Internado durante o processo de composição do samba "O futuro no pretérito – uma história feita a mão", que a Mocidade levará para a avenida em 2007, Toco continuou produzindo a todo vapor. Conta Marquinho Marino que o poeta chegou a brigar com uma de suas médicas: "A senhora me deixe livre para fazer a minha arte, e eu não a atrapalharei na arte de me curar". Pleiteava ele, naquela oportunidade, que o seu parceiro tivesse mais liberdade para visitá-lo, já que somente assim poderiam trocar impressões sobre os versos compostos. A doutora, claro, cedeu aos apelos.

No mesmo período, Rafael Só, outro compositor da parceria, também teve de se internar, o que fez Marquinho Marino desdobrar-se em visitas diárias a dois hospitais: "A relação de Tôco e Rafael, muito além de parceiros em dois sambas vitoriosos na Mocidade, assim como em outros, era algo indescritível. Coisa de irmãos mesmo. O mestre sempre dizia: "Não abro mão do Rafael!", ou seja, tinha total admiração pelo trabalho do amigo, que, sem dúvida, foi dos maiores letristas que já conheci", diz Marquinho.

Rafael Só faleceu no início deste mês de fevereiro. Poucos dias antes de morrer, ele concedeu um depoimento emocionado sobre o amigo Toco: "Era um ser humano e profissional acima de qualquer palavra e qualificação. O que dizer sobre uma obra-prima como "Rapsódia de Saudades", por exemplo? Começamos a compor juntos em 1986. Eu já havia perdido, em 1979, na final, para ele e Djalma (Crill). Depois de nos juntarmos, entre idas e vindas na parceria, criamos uma história de amizade e cumplicidade que nunca esquecerei", contou.

Segundo Marquinho, um dos refrões do samba de 2007, que traz quatro verbos no infinitivo, é a síntese do espírito com que a obra foi composta, dadas as circunstâncias adversas que cercaram o trio na última disputa. Toco ainda conseguiu ir à quadra assistir à sua última vitória, mas acabou morrendo menos de um mês depois.

Sua obra deixa no ar as tais "saudades coloridas", e está imortalizada nos corações daqueles que apreciam o mais brasileiro dos ritmos. E é ela quem nos conta boa parte da história do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, desde o canto das "noites enluaradas" nas terras do Coronel Trigueiro até as maiores inspirações que fizeram e fazem nascer a poesia. A velhice veio chegando, mas o mestre, lá de cima, continua cantando.

Teus versos são laços de amor em harmonia
Se vestem da mais doce melodia
É a minha Mocidade a cantar
E hoje eu canto
Faço do samba minha prece
O nosso mundo se enternece
Louvando Toco, o campeão dos carnavais"

Trecho de "O poeta maior", de autoria de Rafael Só.

Jefinho

Presidente da famosa Ala dos Compositores do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel.

Beto Corrêa

Autor de sambas inesquecíveis como: "A mão que faz a bomba, faz o samba", com mais de 50 músicas gravadas pelos maiores nomes da MPB. Em 2007, lança seu Cd em carreira solo abençoada por Deus.



Fotos de Arquivo da Mocidade



Foto Miro Meirelles

51 anos construindo solidariedade

QUANDO A MOCIDADE foi fundada, em meados dos anos 50, as escolas de samba já eram uma tradição do carnaval do Rio de Janeiro - e prenunciavam que, em duas décadas, seriam a principal do carnaval não da cidade, mas do mundo. Em 58, chegou ao grupo principal, do qual nunca mais saiu. Foi nos anos 70 que a Mocidade entrou para o seleto grupo das grandes escolas. Diz-se que a vida do homem começa aos 40. Verdade ou não, o aforismo não se aplica às instituições. A Mocidade amadureceu rapidamente, com pouco tempo de vida, e chegou ao auge aos vinte e poucos anos. E agora, aos 51, está pensando no futuro, mas aprendendo com os erros e os acertos do passado.

Vira, virou: Retratos da Mocidade

Desfile campeão homenageou os dois grandes carnavalescos da escola, consagrou o terceiro e, ao contar sua história, deixou a pergunta que se renova: quem será o próximo?

Por Bruno Filippo e Marcelo G. Pires

No carnaval de 1990, a Mocidade entrou no túnel do tempo que construíra em quase três décadas e meia. O metaenredo "Vira, Virou, a Mocidade chegou" - contado por 4500 integrantes espalhados por 34 alas, 12 alegorias e 4 tripés – relembrava sua própria história. No começo do desfile, além de pierrôs, colombinas e arlequins, nostalgia carnavalesca de uma cidade que já não existia, as fantasias representavam o time de futebol do qual a escola nasceu. Ao abre-alas, com o símbolo da escola, seguiram-se o carro da favela de Vila Vintém e a escultura que retratava a bandeira da Mocidade.

Os grandes carnavalescos da história da escola até aquele momento, Arlindo Rodrigues e Fernando Pinto, foram lembrados, respectivamente, no segundo e no terceiro setores do desfile. Cada um mereceu três alegorias, que mostravam, por ordem, o estilo, a síntese de seus enredos e o título que conquistaram pela escola.

Metade do desfile, portanto, homenageava os dois artistas. A lembrança era justa: ambos foram primordiais no processo de ascensão da Mocidade ao grupo de elite das grandes escolas. Mas "Vira, Virou, a Mocidade chegou" trazia, no próprio nome do enredo, a característica da escola - a capacidade de reinventar-se. Em momentos distintos, Arlindo Rodrigues e Fernando Pinto reinventaram-na esteticamente. Nas viradas do carnaval, eles moldaram a identidade visual da escola, no que seriam seguidos pelo seu sucessor.

Vira, virou. Arlindo Rodrigues chegou à Mocidade para preparar o carnaval de 74. A escola era conhecida pela excepcionalidade de sua bateria, mas isso não era suficiente para ameaçar a hegemonia das quatros grandes agremiações - Salgueiro, Mangueira, Portela e Império – que disputavam todos os anos a primeira colocação. Havia até uma piada segundo a qual a Mocidade era uma bateria cercada por uma escola de samba. A contratação do consagrado Arlindo Rodrigues foi uma estratégia da diretoria da escola – presidida por Osman Pereira Leite, com o apoio de Castor de Andrade - para torná-la mais competitiva, para mostrar às rivais que era uma escola não só de bateria, mas também de fantasia, de alegorias, de esmero no desfile.

Arlindo compusera a equipe de profissionais do Salgueiro que, a partir do início dos anos 60, revolucionou a estética do carnaval carioca. Formado na Escola de Belas Artes e trabalhando no Theatro Municipal, Arlindo aplicava seus conhecimentos acadêmicos ao carnaval, misturando popular e erudito. Seus desfiles eram marcados pelo refinamento e pelo capricho. Nos enredos, primava por explorar a cultura popular brasileira, e foi assim em sua estréia na Mocidade, com Festa do Divino, que lhe valeu o quinto lugar. A colocação aparentemente modesta – afinal, não fora a primeira vez que estivera em tal posição – mascara um fato do submundo do carnaval. A Mocidade fez, em 74, um dos melhores desfiles de sua história. Seria campeã, não fosse um jurado do quesito fantasia, o qual conferiu à escola uma nota muito baixa, a mais baixa de toda a carreira de Arlindo Rodrigues: quatro. Paulo Vianna, que fazia parte da diretoria e também trabalhava como assessor da Riotur, descobriu que, na planilha em que os jurados escreviam as notas, alguém rasurara o documento, escrevendo o número quatro sobre o número sete. Paulo avisou a Osman, que preferiu o silêncio.

Arlindo sabia combinar as cores com maestria; usava e abusava do branco, e de todas as suas variações, para fazer contraponto aos ornamentos barrocos que caracterizavam seu desenho. Cascatas de espelhos, filigranas, fitas, pompons - tudo isso eram marcas do carnavalescos. Mas Arlindo também sabia ousar: no enredo Mãe Menininha, de 76, pôs todos os integrantes da bateria para desfilar com a cabeça raspada, para que representassem filhos de santo. Fora um pedido da própria Mãe Menininha. A ousadia, que poucos anos depois seria considerada marca da escola, começou, em verdade, naquele ano.

Em 1979, Arlindo resolveu refazer o enredo O Descobrimento do Brasil, que apresentara no Salgueiro em 1962, inspirado num espetáculo em que tinha trabalhado no Theatro Municipal. Abusando da cor branca, e com figurinos impecáveis, Arlindo contou a versão clássica do Descobrimento. Lendas de monstros marinhos, heróis portugueses, a riqueza das Índias Orientais - estava tudo lá, com uma riqueza de detalhes, com uma



Nos anos 70, Arlindo Rodrigues ousou combinar as cores com maestria; usava e abusava do branco e de todas as suas variações.

Fotos Arquivo Mocidade



Em todos os seus enredos, contudo, existe uma visão poética, como o feto dentro do globo terrestre no carnaval de 1991, ou o trenzinho caipira, do soberbo carnaval sobre Villa-Lobos. Assim como também é constante a crítica social, representado novamente no enredo de 1991, sobre a água, numa alegoria que representava a inflação, apresentada como a "liquidez do abacaxi"; ou no pastor com uma antena parabólica na cabeça, no desfile de 1995 sobre as religiões.

perfeição técnica, que o resultado foi o primeiro campeonato da Mocidade. A vitória finalmente viera, depois de cinco anos na escola - e foi seu canto de cisne. Valorizado pela conquista do título, foi chamado à missão de tornar grande outra escola em ascensão, a Imperatriz Leopoldinense.

Vira, virou. A saída de Arlindo Rodrigues levou Fernando Pinto ao proscênio da escola. Proscênio é a palavra correta para falar dele. Pernambucano, sem formação formal em Belas Artes, Fernando fora integrante, nos anos 70, do famoso grupo de teatro Dzi Croquetes. Passara pelo Império Serrano, por onde conquistara o carnaval de 1972 contando a história de Carmem Miranda, e pela Mangueira, sem grandes brilhos - mas foi como carnavalesco da escola de Padre Miguel que ele ficou conhecido, tamanha sua identificação com a Mocidade.

A arte de Fernando Pinto tinha clara inspiração nos movimentos artísticos dos anos 60 e 70, como a Pop Arte e o Tropicalismo. Seus enredos representavam o Brasil antropofágico, tropical, exuberante e exagerado. Em sua estréia, com o enredo "Tropicália Maravilha, O Cravo brigava com a rosa por causa da Margarida gostosa", em 1980, Fernando abusou das cores verde e amarela e, como crítico irônico que era, criou uma ala de índios de patins. De volta à escola, em 83, fez Como era verde meu Xingu, considerado por Fernando Pamplona como um dos mais bem desenvolvidos de todos os tempos.

Mas foram os enredos futuristas que marcariam seu trabalho na Mocidade - e, ao mesmo tempo, o visual e a identidade da escola a partir de meados dos anos 80. Em "Ziriguidum 2001", de 85, Fernando Pinto apresentou pela primeira vez o espaço sideral. Desfilaram na avenida seres extraterrestres, naves espaciais, planetas, baianas vestidas de insetos espaciais e a bateria fantasiada de astronauta. Isso representou uma novidade nunca vista, e o impacto foi tão grande que o campeonato foi indiscutível. Em seus dois últimos carnavais, ele voltara a discutir o futuro. Em "Tupinicópolis, de 87, especulava-se sobre o futuro do Brasil caso os índios tivessem permanecido donos da terra; e, no ano seguinte, com Beijim, Beijim, bye bye Brasil – que ele não viu ser concluído -, vislumbrava-se o futuro possível para o Brasil decorrente de uma possível Constituinte Independente de Padre Miguel. Era uma alusão à Constituição de 88, que seria promulgada meses depois do carnaval.

Vira, virou. Voltemos ao desfile campeão de 1990. O último setor trazia uma interrogação: o que seria a Mocidade a partir dali. Um carro com ampulhetas, aludindo à passagem do tempo, outro com cabeças com pontos de interrogação, apontando novas possibilidades estéticas (clássico, afro, moderno, cubista etc). E, por fim, um carro representando a virada para a década de 90, um fecha-alas modernoso seguido de uma ala de aeróbica no samba. A resposta estava no próprio desfile, com o novo carnavalesco que assumira a escola: Renato Lage.



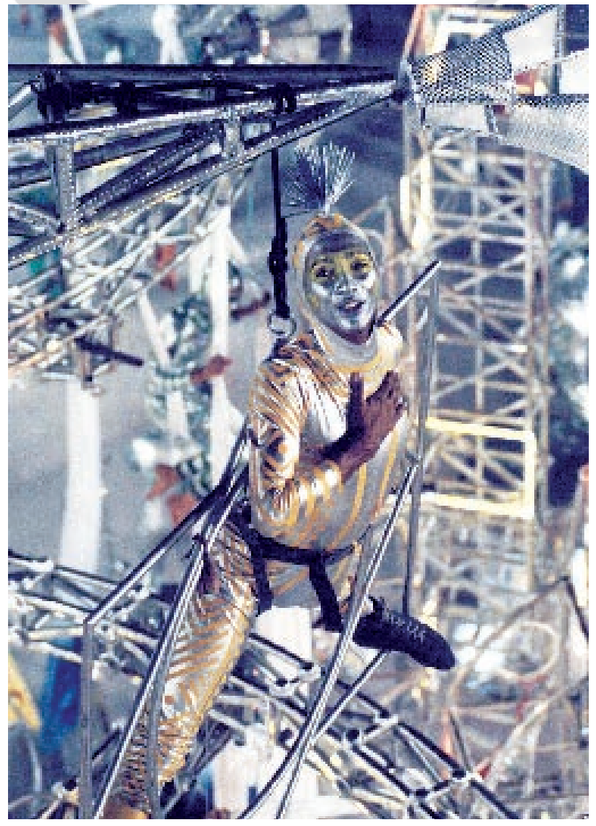


Assistente de Fernando Pamplona, Renato trabalhara em cenografia de televisão, o que lhe dava clara percepção da comunicação áudio-visual. Com um desenho absolutamente limpo, foi logo rotulado como carnavalesco high tech, mas isso é uma visão simplista de seu estilo. Como se viu, já com Fernando Pinto a Mocidade apresentava-se futurista, e Renato somou sua visão a essa idéia, com recursos até então pouco usados (neon, materiais alternativos) e a constante utilização de luz como elemento cenográfico. Em todos os seus enredos, contudo, existe uma visão poética, como o feto dentro do globo terrestre no carnaval de 1991, ou o trenzinho caipira, do soberbo carnaval sobre Villa-Lobos. Assim como também é constante a crítica social, representado novamente no enredo de 1991, sobre a água, numa alegoria que representava a inflação, apresentada como a "liquidez do abacaxi"; ou no pastor com uma antena parabólica na cabeça, no desfile de 1995 sobre as religiões.

No carnaval campeão de 1996, Renato Lage aplica todo o seu arsenal cenográfico e criativo para falar da dualidade do homem que é, ao mesmo tempo, produto da criação de um ser superior e criador de coisas que podem ser utilizadas para o bem e para o mal. Passando por aspectos religiosos, representados por Adão e Eva, até a produção de armas que podem aniquilar a vida humana, Renato transformou uma idéia hermética num divertido desfile didático, em que ficou muito claro o aspecto político e jocoso de seu trabalho.

Vira, virou. Arlindo Rodrigues e Fernando Pinto morreram precocemente em 87. Pela originalidade, pelo talento, pela importância na evolução das escolas de samba e, principalmente, pelo que ainda poderiam criar, ambos fazem muita falta ao carnaval do Rio de Janeiro. Eles serão lembrados no desfile deste ano. Renato Lage, depois de treze carnavais e três títulos, desfez o casamento entre ele e a Mocidade, e hoje brilha noutro barracão. Desde que ele saiu, há cinco carnavais, a Mocidade teve quatro carnavalescos - mas ainda está à procura de uma nova identidade. Que artista conseguirá essa proeza? Será Alex de Souza, jovem como Fernando Pinto, que estréia em 2007 na Mocidade?

A ampulheta e as interrogações do desfile de 90 estão novamente atuais. Está na hora de a Mocidade reinventar-se. Vira, virou?



Lá vem a bateria da Mocidade Independente, *não existe mais quente*

NUMA TARDE QUENTE DE VERÃO, QUATRO ANTIGOS RITMISTAS DA MOCIDADE REVELAM HISTÓRIAS DA BATERIA MAIS FAMOSA DO CARNAVAL

POR THATIANA PAGUNG

TARDE DE SÁBADO do verão carioca. A temperatura propiciava momentos de lazer e diversão: um dia quente para beber e jogar conversa fora, para ir à praia ou ao clube. Na quadra da Mocidade, aberta apenas para a entrevista, um encontro entre sambistas, ritmistas, ex-jogadores de futebol, amigos e, acima de tudo, fundadores da Mocidade Independente de Padre Miguel. Quantas histórias não reveladas, quantas histórias já esquecidas.

Ivo Lavadeira, Djalma Nicolau, Quirino e Tião Miquimba simplesmente proporcionaram uma tarde nostálgica e reveladora. Os bambas, a cada depoimento, enchiam nossos corações de alegria. Naquele momento raro, que eu espero que não seja o único, havia uma aula com quatro professores, e eu, que aceitara o convite para ser a musa da bateria, estava aprendendo com eles.

Ivo Lavadeira, uma dos primeiros marcadores da bateria, não gostava de samba. Comecei a entrevista por ele. Sua vida confunde-se com a história da bateria nota 10. Em 1951 veio morar em Padre Miguel, e em 1952 ele e seus amigos resolvem montar um time de futebol. Por causa disso, quase levou uma surra da sua mãe ao chegar em casa, mas seu pai a evitou. O dinheiro que tinha de levar para casa ele gastou comprando as camisas do time. Sua indiferença com o samba estava com os dias contados: "Paulo de Oliveira foi quem deu as primeiras peças da bateria. Fomos no dia seguinte comprar na loja Bandolim de Ouro. Me deram o surdo pra tocar, depois da primeira batida, gostei e não parei mais".

Muitos jogadores tornaram-se membros da bateria. O técnico do time, Mestre André, foi o primeiro mestre-sala. Isso mesmo: só depois tornou-se mestre de bateria. Segundo seus amigos, ritmistas da época, André não tocava instrumento algum, mas



Foto: Fernando Soutello

Inspiração: ritmista da Mocidade toca tamborim na quadra, tendo ao fundo o quadro de mestre André.

tinha um ouvido que até de longe conseguia perceber um erro e quem estava errando. Advinha qual era o corretivo: pegava a baqueta e dava na cabeça daquele que saísse do ritmo! Apenas com Ivo Lavadeira foi diferente: "Olha, Pereira, o dia em que você me der com esse bastão, eu dou na sua cara!". Mas Ivo era cunhado, membro da família, tinha intimidade para falar assim. Conta ele que Pereira, como chamava o Mestre André, era exigente, mas tinha muita estrela e sabia improvisar. Em reconhecimento a sua dedicação nos 50 anos pela Mocidade e pela Velha Guarda, o presidente Paulo Vianna lhe deu o título de sócio-proprietário, "Paulo Vianna é um bom presidente, o melhor que a Mocidade já teve", diz Ivo.

A estréia oficial da bateria foi no carnaval de 1957, ainda nas "divisões de base" da hierarquia carnavalesca. No ano seguinte, com o enredo "Apoteose ao Samba", do nosso poeta Toco, ascendeu ao primeiro grupo para o desfile de 59, e nunca mais caiu. Vale ressaltar que a Mocidade foi campeã no mesmo ano em que o Brasil ganhava seu primeiro campeonato, e ambos puseram sua "estrela" na história do Brasil em 1958. No ano em que desfilou pela primeira vez entre as grandes, a bateria da Mocidade começou a deixar sua marca, executando pela primeira vez a famosa "paradinha" de saudação, que se tornou característica da Mocidade. Eram apenas 27 componentes, contando com Mestre André. Pelo menos uns 20 desses ritmistas, mais tarde, tornaram-se mestres de bateria. "A Mocidade não tinha quantidade, e sim qualidade, por isso ficou tão famosa, me lembro como se fosse hoje do Mestre André me falando isso antes do nosso desfile, porque a nossa bateria em relação às outras não tinha quase ninguém, e nós arrebentamos naquele ano. Foram dez anos seguidos com os vinte e seis tocando e tirando 10", diz Djalma Nicolau, sorridente, lembrando da época.

Djalma Nicolau foi o grande criador da paradinha, comandada por Mestre André: “Aprendi tudo com Mestre André. Rodei outras escolas, fui mestre de bateria também, mas hoje estou aqui, na velha-guarda da Mocidade”. Djalma é conhecido como o melhor batedor de caixa-de-guerra, o famoso tarol. Em seu rosto, uma insatisfação ao dizer que a bateria de hoje não tem mais a cadência de antigamente. Mas ele reconhece que isso não é culpa da bateria, e sim da própria evolução do carnaval.

Quirino começou no samba aos sete anos de idade, esquentando o couro dos surdos e dos tamborins, e em julho deste ano completará 87 anos, dos quais 45 passou tocando cuíca na Mocidade. Hoje, o cuiqueiro mais idoso em atividade se apresenta fazendo shows com a velha-guarda. “Naquele tempo molequinho não podia falar com os mais velhos se não levava tapa na boca, então só ajudava e observava.” Já rapaz, casou-se e veio morar em Padre Miguel. Como já era de samba, procurou a escola: “Sem saber o que fazer, peguei um baldezinho, fiz uma cuiquinha e fui aprender, até que um dia entrei na quadra e cheguei chegando. Hoje, graças a Deus, sou conhecido até fora do Brasil”.

O balanço da bateria também era marcante: “Entrei na escola em 1952 para tocar surdo de primeira. Eu nunca dava uma batida só como deveria, porque eu queria preencher o espaço que ficava vazio. Até que um dia fiquei no centro de dois surdos, um tocando a primeira e o outro tocando a segundo, e eu batia no intervalo dos dois. Assim eu criei a marcação do surdo de terceira”, diz Sebastião Miquimba, hoje com 72 anos, conhecido como o melhor marcador que a bateria já teve.

Em seguida ele me mostrou como fazia, tocando ao lado dos componentes atuais. Na mesma hora, Quirino começou a tirar som de sua cuíca, Djalma e Ivo também batucavam, e todos cantaram “hinos” da escola, naquela cadência que não se escuta mais. Que emoção!... Entre os sambas inesquecíveis, aquele que, mais uma vez na voz de Elza Soares, será cantado no esquenta da Mocidade em 2007: “Salve a Mocidade!”.

Os quatro entrevistados têm a Mocidade como a segunda família. Eles sabem da importância da preservação da memória da escola. Por isso, desejam que os novos componentes da bateria preservem tudo o que eles, com muito trabalho e com muito amor, um dia construíram.



Foto Fernando Soutello

Mestre Jonas comanda a bateria da Mocidade.

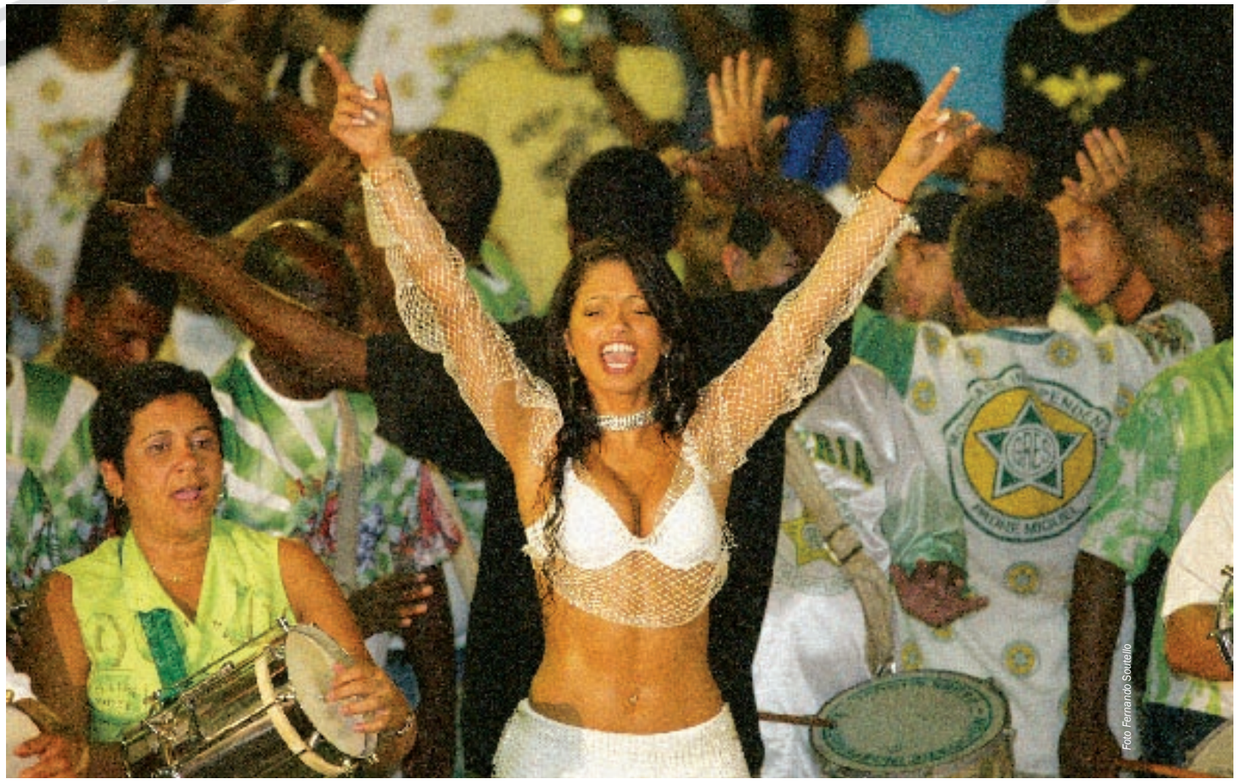


Foto Fernando Soutello

Thatiana Pagung, “musa” da bateria, à frente dos seus ritmistas.

Salve a Mocidade !

Janaína Barbosa
Madrinha da Bateria



Foto Fernando Soutello

Com a gritante beleza dos olhos verdes em sintonia com as cores da agremiação que defende, a beldade Janaína Barbosa vai abrir os caminhos para a passagem da bateria "nota dez" da Mocidade Independente de Padre Miguel. Nomeada "Madrinha da Bateria" para o carnaval 2007, a empresária e apresentadora de televisão participa de seu primeiro carnaval e já estréia com a responsabilidade de abrilhantar a passagem pela avenida de uma das maiores referências do carnaval carioca, a tradicional bateria fundada pelo saudoso Mestre André e que hoje é comandada por Mestre Jonas.

Aos 29 anos, a paulista Janaína Barbosa afirma que nunca presenciou uma manifestação de carinho tão grande, como a que recebeu no dia que foi apresentada a comunidade, em plena quadra da Verde-e-Branco de Padre Miguel e se disse deslumbrada ao pisar à Marquês de Sapucaí, em seu primeiro ensaio técnico pela Mocidade.


Foto Fernando Soutello

Thatiana Pagung
Musa da Bateria

Seja para o mais antigo componente da Velha Guarda da Mocidade Independente de Padre Miguel ou o mais jovem passista a se destacar na Ala Mirim da agremiação, ela é um verdadeiro símbolo de adoração. Thatiana Pagung até já abrilhantou o desfile de outras agremiações, mas foi na Mocidade que encontrou o carinho de uma legião de componentes apaixonados e alcançou um entrosamento inspirador com os ritmistas da bateria verde e branca, que a nomearam ao posto de "Musa da Bateria". A carioca de 26 anos, que possui formação profissional em teatro e formou-se cineasta, já colecionou tantos carnavais em seu histórico, que acabou iniciando uma empreitada para levar para as telas um documentário sobre o tema.

Mocidade de alma, coração e participação. Assim pode-se definir Thatiana Pagung, que respira ativamente o cotidiano da escola de Padre Miguel, seja em seu trabalho no Departamento Cultural ou nos ensaios da qual sempre se faz presente, frente aos ritmistas que conhece pelo nome.



Celeiro de bambas e craques

Por Roberto Assaf

Ainda é madrugada quando a bola que rola pelos trilhos que atravessam os dois bairros irmãos começa a acordar Bangu e Padre Miguel. É assim desde que os britânicos chegaram, há mais de 100 anos, tocando a fábrica de tecidos que pôs a região definitivamente no mapa do Rio de Janeiro, fundando um dos primeiros clubes de futebol do Brasil e empregando a mão-de-obra nativa que em meio século tornou o batuque da Mocidade Independente referência e orgulho da cidade, e é claro, dessa imensa comunidade da Zona Oeste.

Houve uma época em que o esporte importado pelos gringos não passava de um ilustre desconhecido; e o samba, de um lamento restrito aos descendentes dos escravos que vieram da África. Ambos, na prática, eram praticamente marginais. Logo, no entanto, começariam a superar preconceitos e a caminhar com as suas botas de sete léguas. Primeiro, o jogo dos britânicos, atraindo multidões ao campo inaugurado pela fábrica na Rua Ferrer. Vale destacar que a agremiação criada em 1904, então aristocraticamente chamada "The Bangu Athletic Club", não tardou a popularizar-se, tanto que já no ano seguinte tornava-se o primeiro no país a abrir espaço para jogadores negros.

> Incipientes e marginais, samba e futebol transformaram Bangu e Padre Miguel – e deram origem à Mocidade

O samba teve que esforçar-se um pouco mais. Para driblar a rejeição da sociedade, e pior, para escapar da perseguição das borrachadas da polícia, que tinha ordem do governo para manter a gente do povo à distância. Abria-se, no máximo, uma brecha para o choro, mais próximo das polcas e das valsas, tão apreciadas pela elite.

Interessante notar que com a chegada do profissionalismo, na década de 30, o "football" transformou-se em futebol, e o "The Bangu Athletic Club" em Bangu Atlético Clube, tão brasileiros quanto o samba, que na esteira das manifestações populares que foram pouco a pouco ganhando a admiração daqui e de fora superou o gemido das senzalas para alcançar a liberdade das avenidas e salões. E o samba, que nasceu menino pobre, agora se veste de nobre no desfile principal. Para quem ainda não sabe, a Mocidade surgiu de um outro clube de futebol, o Independente. E a Unidos de Bangu, que também teve a sua época, teve a sua origem no Botafoguinho. Não espanta, assim, que ambos, o futebol e o samba, tenham caminhado juntos, nos gramados e nas ruas, conquistando títulos e o respeito geral.

A fábrica de tecidos - Companhia Progresso Industrial do Brasil - também teve a sua época, com as suas coleções originais vestindo mulheres famosas, nos desfiles que atraíam a alta sociedade carioca, e que superaram as fronteiras do país, levando o nome da região pelo mundo afora.

Mas é curioso e antes de tudo obrigação lembrar que os homens do poder sempre preferiram batizar bairros e lugares públicos com nomes de políticos ou de personagens de importância duvidosa, ignorando os artistas da bola e do batuque. Que tal avenidas e praças chamadas de Domingos Antônio da Guia, Thomaz Soares da Silva, Zózimo Alves Calazans e Paulo Luis Borges, craques extraordinários do Bangu em tempos distintos? Ou com os nomes de Djalma "Galo Velho" Nicolau, que sugeriu a paradinha da bateria nota 10, e de José Pereira da Silva, o "Mestre André", que pôs tal manobra efetivamente em prática? Que tal Rua Maria "do Siri" da Glória Vieira, em cuja casa foram realizados os primeiros ensaios da Mocidade, lá nos anos 50? Ou Praça Fernando Pinto, o responsável por um dos mais belos enredos do carnaval carioca, "Ziriguidum 2001'", que deu à escola o título de 1985? Que tal Avenida Unidos de Bangu, ou Unidos de Padre Miguel, que já estiveram na elite do samba, e perderam muito espaço, mas que seguem fazendo parte da história dos bairros irmãos?

Pois é. Ainda é madrugada quando o universo integrado por quase meio milhão de pessoas começa a correr atrás da bola que rola ao longo da linha férrea, paralela à Avenida de Santa Cruz, peladeiros e passistas de mãos dadas, viajando nos braços do infinito, onde sonhar, enfim, não custa nada.

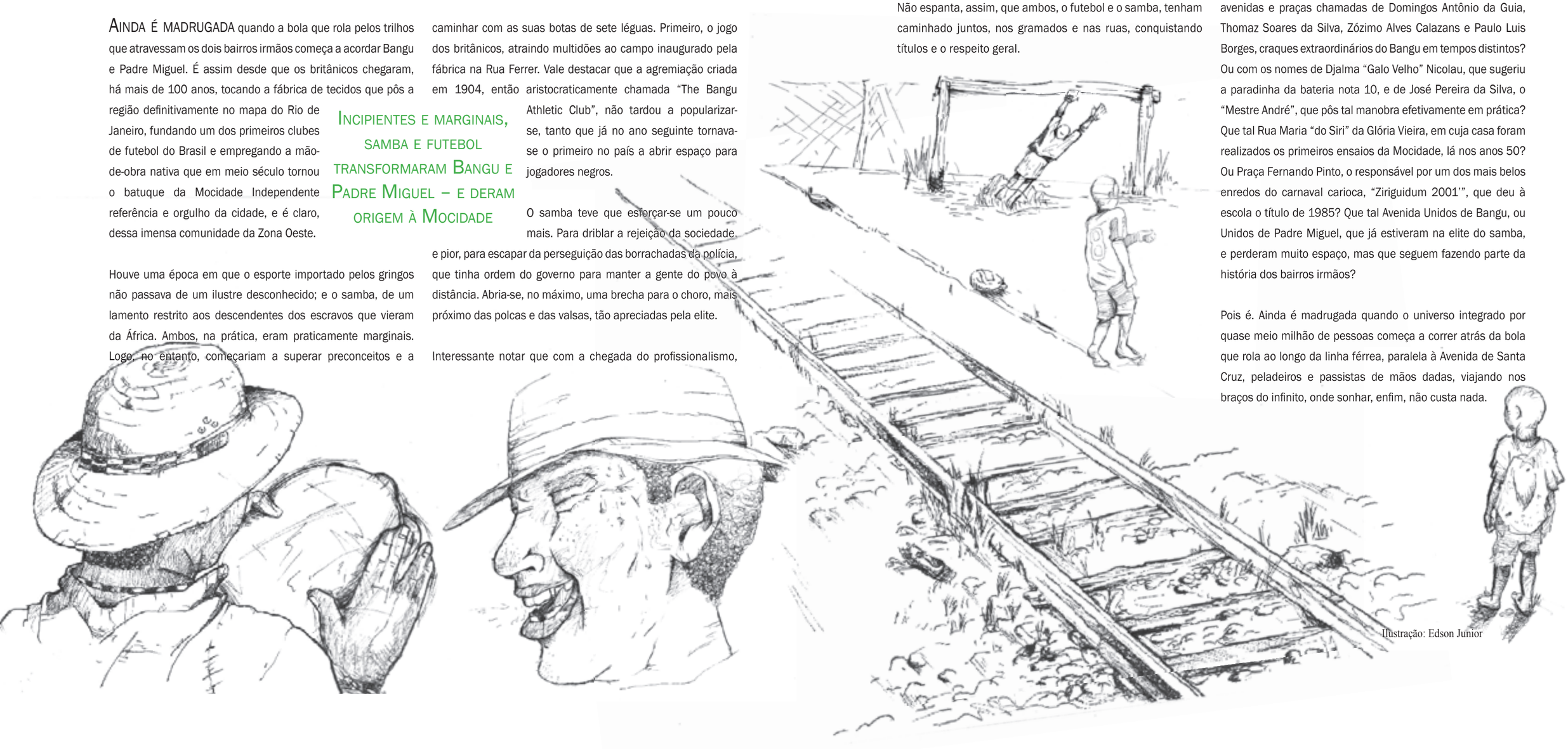


Ilustração: Edson Junior

Os *(ainda)* desconhecidos bastidores dos desfiles

Focado nos preparativos da Mocidade para o desfile de 92, "Carnaval carioca - Dos bastidores ao desfile", de Maria Laura Cavalcanti, é relançado. Trata-se de um dos mais importantes livros já escritos sobre o tema.

Por Bruno Filippo

Há 23 anos, as escolas de samba desfilaram pela primeira vez no Sambódromo. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti tinha, à época, uma promissora carreira acadêmica. Trabalhava no Instituto Nacional do Folclore da Fundação Nacional de Arte, e concluíra, poucos anos antes, sua dissertação de mestrado em antropologia, que fora publicada em livro com o título "O mundo invisível:cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo". Em fevereiro de 84, faltando quinze dias para o carnaval, ela recebeu da escritora e crítica de arte Lélia Coelho Frota, diretora da instituição, a incumbência de realizar uma breve pesquisa sobre barracão de escola de samba. Maria Laura não era afeita ao universo do carnaval - mas o encontro com o tema que ela desconhecia mudou, quase instantaneamente, sua vida pessoal e profissional.

Escreveu outros artigos, participou de seminários, atuou como jurada, em 88, do desfile do Grupo Especial - até que, ao escolher o tema de sua tese de doutorado em antropolgia social, decidiu acompanhar a preparação de um desfile de escola de samba.

Maria Laura conhecera Lilian Rabello – que assinava o carnaval da Mocidade junto com Renato Lage – quando ambas fizeram parte do júri de decoração da cidade, em 88. Isso facilitou seu trabalho: de meados de 91 até o carnaval de 92, Maria Laura embrenhou-se na quadra e no antigo barracão da escola, que tentava o tricampeonato. Disso resultou o livro "Carnaval carioca - dos bastidores ao desfile", que acaba de ser relançado, numa edição revista e ampliada pela autora. Talvez seja o único livro que analisa passo a passo, e com acuidade, as etapas que, iniciadas sete, oito meses antes, culminam no desfile da escola no Sambódromo. A importância da obra pode ser auferida nas referências bibliográficas de quase todos os trabalhos acadêmicos sobre o carnaval escritos a partir de meados dos anos 90.

A pesquisa serviu, para os estudiosos do carnaval, como uma lupa: trouxe à tona as relações sociais travadas entre os vários atores envolvidos no processo, do qual a personagem principal – para o desespero dos românticos - é o carnavalesco, e não os compositores, as baianas e os membros da velha-guarda. Eles são atores importantes, não há dúvida, mas mantém um diálogo, por vezes conflitante, com o carnavalesco. Desfile de escola de samba é há pelo menos três décadas, para o bem ou para o mal, o primado do visual. Por isso, o carnavalesco torna-se o ator social que detém o poder de decidir o que e como a escola levará para a avenida. Cabe-lhe a responsabilidade pelas fantasias, pelas alegorias, pela história que os compositores vão transformar em letras e melodias. Ainda que injusta – pois, como mostra o próprio livro, escola de samba é uma rede de relações sociais –, a associação da escola ao carnavalesco ("o carnaval de fulano de tal foi muito bonito", " o carnaval campeão de beltrano") é o retrato de sua figura central.

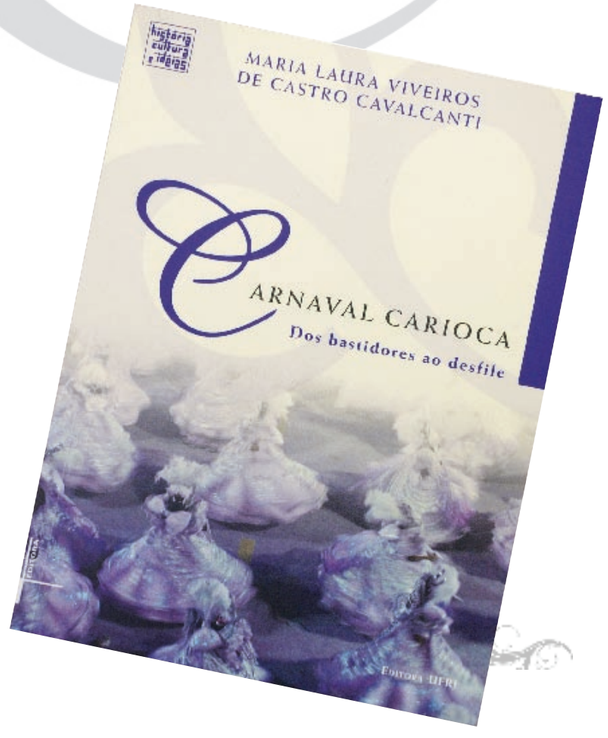
Em sendo a concepção do carnaval uma criação individual do carnavalesco, e a escola de samba uma instituição que engloba vários segmentos sociais e profissionais, estabelece-se um campo de tensão em que o carnavalesco, para ser entendido, tem de exercer a função de mediador cultural. Diferentemente do artista plástico ou do pintor, o carnavalesco, embora seja considerado um artista, depende de muitas outras pessoas, de diferentes níveis culturais e sociais, para transformar sua idéia em objeto. A angústia do artista ante o processo de criação ganha uma dimensão maior para o carnavalesco: ele depende da coletividade para dar forma à sua subjetividade.

Daí a necessidade de mediação - que, no entanto, não evita problemas de entendimento entre ele e os segmentos da escola. Isso é bastante comum quando se analisam os sambas-enredos e se constata que muitos deles não reproduzem o significado do enredo. A relação do carnavalesco com os compositores é mais tensa do que com outros setores, porque eles têm mais liberdade de criação, mesmo que limitada pela sinopse que lhes é entregue pelos compositores, e porque a escolha do samba é feita por concurso na quadra, com várias composições disputando, cada qual retratando de maneira diferente o enredo.

O livro foi publicado pela primeira vez em 1994. A nova edição mantém praticamente inalterado o texto original, à exceção de uns poucos acréscimos e de algumas correções, mas o enriqueceu com fotos da época da pesquisa. Apesar de ser a versão de uma tese de doutorado, o texto de Maria Laura flui com clareza, sem o pernosticismo que costuma permear os textos acadêmicos e que, não raramente, camufla a falta de intimidade com o assunto.

O carnaval do Rio de Janeiro é uma festa que está em permanente transformação. De lá para cá, muita coisa mudou. A começar pela própria Mocidade: a escola deixou de ser controlada por patronos ligados ao jogo do bicho, com o qual a Mocidade tinha uma forte identificação devido à presença de Castor de Andrade, que não fazia questão de ser discreto em suas aparições públicas. Aliás, a ambígua relação da contravenção com o poder público e com os componentes das escolas de samba é abordada com argúcia.

Os enredos patrocinados – tendência que se acentuou no fim dos anos 90 – e a construção da Cidade do Samba significam que o nível de exigência está, hoje, em outro patamar. Esta realidade implica uma nova rede de relações sociais? Como ela se dá? Em que difere daquela que foi estudada? Como os patrocinadores podem interferir no processo de criação individual do carnavalesco? As respostas, Maria Laura deixa-as para os futuros pesquisadores. Como ela própria escreveu no prefácio à nova edição: "Quantas riquezas artísticas e antropológicas abrigam-se nos desfiles carnavalescos!Quantos talentos e vocações para ele trabalham e quantas possibilidades insuspeitas de desdobramento não estarão ainda por vir!"



Carnaval 2007

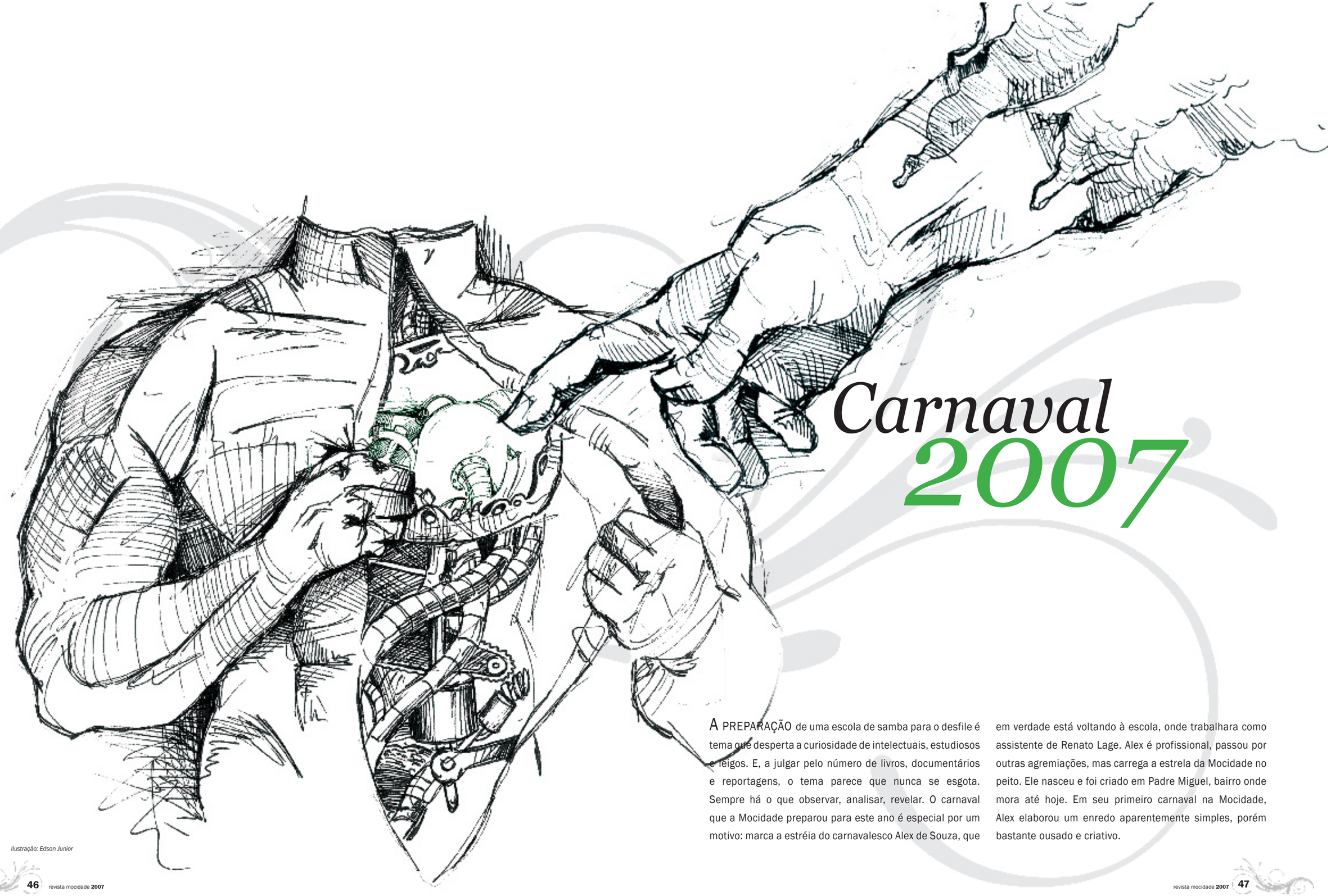


Ilustração: Edson Junior

A PREPARAÇÃO de uma escola de samba para o desfile é tema que desperta a curiosidade de intelectuais, estudiosos e leigos. E, a julgar pelo número de livros, documentários e reportagens, o tema parece que nunca se esgota. Sempre há o que observar, analisar, revelar. O carnaval que a Mocidade preparou para este ano é especial por um motivo: marca a estréia do carnavalesco Alex de Souza, que em verdade está voltando à escola, onde trabalhara como assistente de Renato Lage. Alex é profissional, passou por outras agremiações, mas carrega a estrela da Mocidade no peito. Ele nasceu e foi criado em Padre Miguel, bairro onde mora até hoje. Em seu primeiro carnaval na Mocidade, Alex elaborou um enredo aparentemente simples, porém bastante ousado e criativo.

Operário da Folia

Alex de Souza

ALEX DE SOUZA revela que, como carnavalesco, viveu momentos de alegria e de tristeza. Ano passado ele estreou no Grupo Especial, na escola Acadêmicos da Rocinha. O desfile lhe deu tristeza: carros alegóricos quebraram, abriram-se buracos, a escola foi rebaixada. Desolado, Alex ganhou o abraço, em frente ao setor 1, de Max Lopes. Por ironia, o enredo foi "Felicidade não tem preço". Como para provar que a felicidade, de fato, não sucumbe às contingências, seu trabalho foi elogiado – e Alex , ao invés de voltar ao Grupo de Acesso, ascendeu à escola mais importante de sua vida profissional e pessoal.

Nascido e criado em Padre Miguel, onde mora até hoje, Alex começou a interessar-se por carnaval quando assistiu, nos antigos desfiles que eram realizados no campo do Bangu, à apresentação da Mocidade de 79, campeã com Arlindo Rodrigues. Estava no início da adolescência. Depois, impressionou-se com Fernando Pinto e Renato Lage. Desfilou, como componente, por oito anos na escola. Formado em Moda e em Desenho Industrial, Alex debutou no carnaval trabalhando como assistente de Renato Lage, antes de aventurar-se na carreira solo.

Ele certamente não foi o único carnavalesco a alternar os dois sentimentos no exercício da profissão. Mas foi um dos poucos a ver a tristeza lhe servir de degrau para atingir o ápice de sua carreira. Nesta entrevista, Alex de Souza discorre sobre o carnaval que preparou para a Mocidade. A escola de seu coração.

O enredo Futuro no pretérito - O Brasil feito a mão é uma homenagem ao artesanato brasileiro, mas o contextualiza, não se limita somente a mostrar sua variedade. Por que você optou por essa abordagem?

A sugestão de homenagear o artesanato partiu da direção da escola. É um enredo muito bonito, muito rico em imagens das regiões do Brasil. Mas, em se tratando da Mocidade, minha intenção foi fazer uma abordagem diferente, mais profunda, menos óbvia, que fugisse de um roteiro esperado. Mostrar o artesanato no desfile de ponta a ponta seria muito simples. Eu precisava criar um contraste. Então descobri que mais importante do que o produto artesanal era o artesão; que mais importante que o ofício era o homem. Em todos os meus enredos eu tenho a preocupação sociológica de falar do homem.

Sua idéia foi estabelecer um contraste entre o artesanal e o industrial?

Em pleno século XXI, o artesanal continua sendo um importante gerador de empregos, mesmo com toda tecnologia. O artesanato hoje é muito mais do que produtos de lembranças de determinados lugares. Ele está-se sofisticando a tal ponto que, hoje, existem feiras de design no exterior com peças brasileiras expostas. É importante porque leva a nossa riqueza cultural a outros países, além de empregar muitas pessoas.

Desse contraste veio a referência ao filme Metrópolis?

O filme, do cineasta Fritz Lang, completou 80 anos em 2006. A obra imagina um mundo dominado pelas máquinas. O futuro da sociedade capitalista era a preocupação de artistas e intelectuais entre o fim do século XIX e o início do XX, e isso refletiu-se, no cinema, nas obras de ficção científica. Metrópolis, com sua visão sombria do mundo, é a grande alegoria da sociedade industrial. Mas está no enredo para afirmar que a importância do artesanato é o exemplo de que esse futuro não se realizou, e que o trabalho artesanal pode ser a solução para o problema do desemprego.

A Mocidade está, mais uma vez, conjecturando sobre o futuro – característica dos enredos de Fernando Pinto.

A Mocidade tem a fama de ser uma escola moderna, de vanguarda - fama que foi construída por Fernando Pinto e Renato Lage. Isso me permitiu fazer, com mais desenvoltura, a


foto Diego mendes

Alex Souza e Paulo Vianna

ligação do enredo com Metrópolis. Há uma cena no filme muito impressionante: um operário, exausto, fez um movimento errado, e a máquina gigante explode, transformando-se, na alucinação do personagem principal, numa grande esfinge, que passa a engolir os operários. Como o filme é expressionista, e mudo, tudo é muito dramático. Por isso, essa cena representará o abre-alas da escola. Será uma grande máquina, mas os homens é que sairão dela, em vez de serem por ela engolidos, como no filme.

Na sinopse você faz uma comparação inusitada: a do artesão com Deus. Por quê?

Num dos textos que pesquisei sobre a importância do trabalho artesanal, encontrei a citação de que Deus foi o primeiro grande artesão, pois de uma matéria inanimada Ele fez o homem. É interessante porque eleva o artesão à categoria divina. Vejam o simbolismo: Deus cria o homem à sua imagem e semelhança; o homem cria a máquina, a qual um dia volta-se contra o homem. Esse ciclo estará representado na comissão-de-frente.

Quando Renato Lage fez Criador e Criatura, em 96, a comissão-de-frente era formada por Frankensteins, que representava exatamente o poder destruidor da criatura contra o próprio criador. Como mostrar essa idéia com imagens novas?

Usando o Livro Sagrado, o Gênesis. A história do trabalho do homem, no enredo, começa a partir do momento em que ele é expulso do Paraíso. Por ser uma criação divina e estar no Éden, ele não precisa trabalhar. Quando comete o pecado original, passam a necessitar de trabalhar para sobreviver.

Como você mesmo disse, não é um enredo simples. Há certa complexidade Você acha que os componentes da escola, o público e principalmente os jurados podem considerá-lo hermético, de difícil entendimento?

O mais complexo disso é que, se eu falasse somente do artesanato, perderia ponto por falta de criatividade, porque é um enredo que se encerra por si próprio. Mas o que se pede também é que haja algo mais, um insight. Isso faz com que o carnavalesco viaje na maionese, como se diz na gíria? Sim, é verdade, mas o carnaval é feito disso, dessas loucuras. Se tudo fosse tão certinho, não haveria Joãosinho Trinta, que nos anos 70 começou a fazer aqueles enredos completamente loucos. No entanto, o enredo da Mocidade não é louco, tem fundamento, tem lógica. As pessoas podem perguntar o que Fritz Lang e o artesanato brasileiro têm a ver. Eu fiz a ligação entre esses dois assuntos aparentemente tão distantes. Na apresentação dos protótipos, nós fomos muito claros, muito didáticos. Acho que a escola entendeu o enredo. O carnaval é subjetivo , o que dá margem a muitas interpretações. Se soubéssemos exatamente o que faz uma escola tirar dez, seria muito fácil.

Três carnavalescos foram fundamentais na história da Mocidade: Arlindo Rodrigues, Fernando Pinto e Renato Lage. Com quem você mais se identifica?

Eu me identifico com os três. De cada um eu tiro um aspecto. Arlindo era a imagem, o visual, a estética; Fernando, a complexidade dos enredos, a essência do discurso; e Renato, que considero o seguidor de Arlindo, o esmero, o acabamento, a riqueza de detalhes. Como eles imprimiram um estilo à Mocidade, posso aproveitar, no desfile, um pouco da característica de cada um.

Já que se falou tanto de futuro, como Alex de Souza vê o futuro das escolas de samba?

Sou um operário da folia. Tenho de ser otimista. Hoje nós temos, na Cidade do Samba, um espaço muito importante. Gostaria que todos os outros grupos tivessem a mesma atenção dispensada ao Grupo Especial. O poder público e a iniciativa privada deveriam fazer o possível para preservar essa manifestação tão importante pelo aspecto cultural e pelo aspecto econômico.

O fato de você estar na escola de seu coração instiga-o a fazer um trabalho melhor?

Eu visto a camisa da escola onde estou trabalhando. Se estou numa outra escola, sou essa outra escola. Mas não escondo de ninguém que minha escola do coração é a Mocidade. Nasci e me criei aqui, comecei a gostar de carnaval devido à Mocidade. Trabalhando nela, consigo unir razão e emoção.



O destino do homem num sombrio futuro

POR THATIANA PAGUNG

COMO SERÁ O MUNDO EM 2026? Há 81 anos, o cineasta vienense Fritz Lang imaginou-o sombrio, tétrico, opressor. O homem, no universo caótico e industrial das grandes cidades, é dominado pelas máquinas, que, ao transformá-lo numa massa amorfa, tiram-lhe a individualidade. Lançado em 1926 – cem anos antes da nefasta realidade imaginada -, Metrópolis é considerado o primeiro filme de ficção científica da história, e um clássico do cinema expressionista alemão.



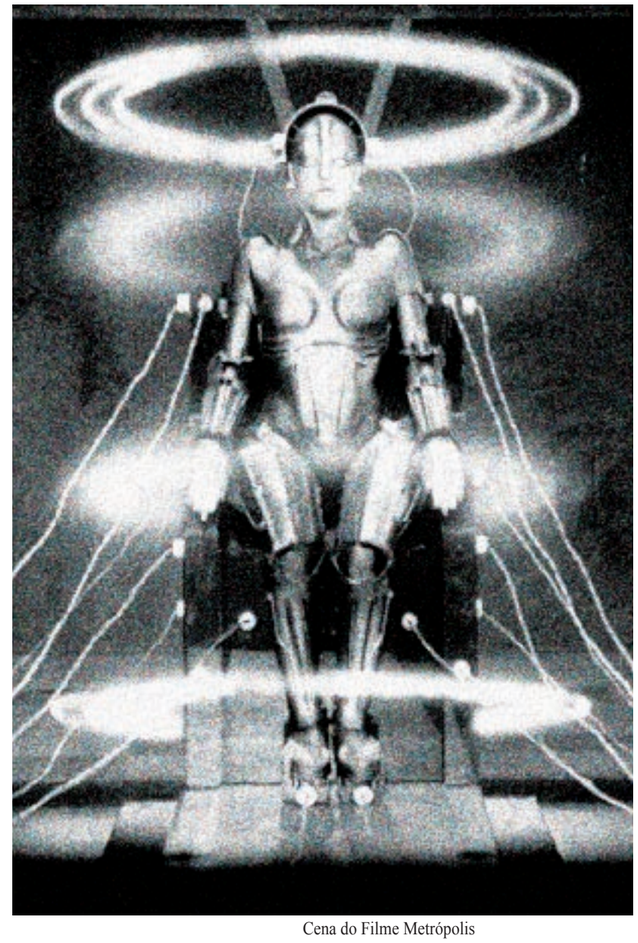
Metrópolis foi uma superprodução. Demorou dois anos para ser filmado e contou com 36 mil figurantes. A história se passa na cidade que dá nome ao filme. Os operários vivem e trabalham em seus subterrâneos, numa rotina estafante, garantindo o funcionamento das máquinas, que estão na superfície, dividindo espaço com a elite da cidade. Não se trata de um filme em que somente o visual futurista sobressai: também se enxerga com a mesma nitidez a crítica social ao sistema capitalista e à exploração do trabalho. Cada plano é tratado como uma pintura; a mise-en-scène dos quadros, associada à montagem, resulta numa narrativa de qualidade.

O Expressionismo foi um movimento de vanguarda que despontou na Europa no início do século XX. Sua estética é dramática, apocalíptica, fúnebre – sintomas das inquietações e das incertezas de um continente que, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, veria estraçalhado seus ideais de progresso e prosperidade. A Alemanha, derrotada e humilhada, ecoou, por meio da arte expressionista - particularmente a linguagem cinematográfica -, seu desencantamento e sua expiação. O artista expressionista não reproduz o mundo como ele se apresenta, mas o produz segundo suas percepções, suas subjetividades. Daí o fato de Lang projetar o futuro, não apenas retratar o presente. A estética dos filmes do Expressionismo Alemão era sombria, contrastava luz e sombra. Os movimentos de câmera, os ângulos das tomadas e a estrutura dos cenários contribuíam para evidenciar o contexto que o país atravessava.

A compreensão da história de Metrópolis não é fácil. O cinema mudo exige da platéia um desenvolvimento cognitivo incompatível com o cinema falado. Em cinema, os gestos falam mais do que palavras, e as imagens, sem aúdio, falam mais, marcam mais e cansam menos.

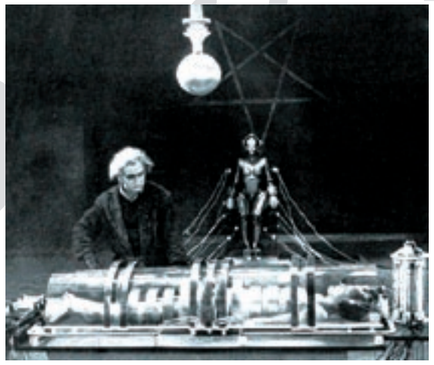
O governante de Metrópolis, Jon Fredersen, é totalmente indiferente ao sofrimento dos operários. E, quando descobre bilhetes enigmáticos escritos por eles, leva-os até o cientista Rotwang, para que possa decifrá-los. Rotwang descobre que os bilhetes escondem um mapa das catacumbas da cidade, onde os operários reúnem-se para discutir sua situação e tramar uma revolta. Mas o cientista mostra a Jon um trunfo: um robô em forma de mulher, um trabalhador perfeito, posto que disciplinado e obediente, nunca um rebelde contestador. (Foi a primeira vez que a figura do robô apareceu no cinema) Jon e Rotwang tramam um plano maquiavélico: programar o robô para incitar os operários a destruir as máquinas. Isso seria o pretexto para que todos os trabalhadores fossem substituídos por robôs. Paralelamente à confabulação entre o governante tirânico e o cientista, Freder Fredersen, filho de Jon, apaixona-se por Maria, filha de operários, dos quais se compadece, a ponto de ter uma alucinação, na qual a máquina se transforma num monstro que os engole. Jon, ao saber que Maria é uma pessoa carismática, capaz de mobilizar os operários, pensa em dar ao robô as feições dela. Rotwang seqüestra Maria, e faz a transformação.

A parte final é um dos momentos mais importantes e contraditórios. O robô, idêntico à figura de Maria, conclama os operários à luta. Eles destroem as máquinas, mas não se preocupam em destruir os governantes. A cidade subterrânea, então, começa a inundar. A verdadeira Maria foge da casa do cientista Rotwang e, com Freder, salva as crianças da inundação. Os operários, sabendo-se enganados, matam a falsa Maria, queimando-a viva. É o momento em que descobrem que se tratava de um robô. Numa briga com Freder, Rotwang morre ao cair de uma catedral. Freder, seu namorado, assume o controle da situação, e transforma-se no mediador entre os governantes e os operários.



Cena do Filme Metrópolis

FILME METRÓPOLIS, QUE EMBASOU O ENREDO DA MOCIDADE, POUCO SE ASSEMELHA À ESTÉTICA CARNAVALESCA. MAS VIROU CARNAVAL E, NA SAPUCAÍ, MOSTRARÁ QUE, DE FATO, O BRASIL É O PAÍS DO FUTURO





Cenas do Filme Metrópolis

A forte crítica social e o anti-totalitarismo não somente de Metrópolis, mas da filmografia de Fritz Lang, não causou repulsa aos nazistas, que estavam no poder na Alemanha desde o início da década de 30. Lang foi convidado para ser o diretor da indústria cinematográfica do país. Ele rejeitou a proposta, e mudou-se para os Estados Unidos, onde se empregou em Hollywood. Sua esposa, Thea Von Harbou, com quem escrevera o roteiro de Metrópolis, permaneceu na Alemanha, tornando-se a cineasta oficial do Partido Nazista.

O desfecho é contraditório porque tem um quê de final feliz. E final feliz em Expressionismo é anticlímax, é negação de sua visão de mundo. Lang chegou a declarar que considerava o desfecho do filme romântico e meloso, e creditava esse fato à sua esposa. É uma ironia que a idéia da conciliação tenha partido de Thea Von Harbou, que trabalhou para os nazistas.

Não agradou a Lang - mas o romantismo da cena final de Metrópolis é perfeito para o desenvolvimento do enredo da Mocidade, e a letra do samba ajuda a compreender isso. O encerramento do desfile será uma Metrópolis, não a sombria retratada no filme, mas a "Metrópolis do Samba", onde a única fábrica que existe é a dos sonhos. "Aplausos, às estrelas da folia, o sonho se transforma em alegria. Sou eu, tenho samba no pé, sou sambista, nas mãos, o talento de artista, eu me orgulho de ser artesão", canta o samba. Os verdadeiros artistas, ferreiros, carpinteiros, escultores, pintores de arte, decoradores, carnavalescos, figurinistas, costureiras, laminadores, iluminadores, técnicos em efeitos especiais. Operários a serviço da alegria serão exaltados na última alegoria da Escola. "Da emoção, eu faço a arte, em verde e branco, com a Mocidade".

A escola reconstruirá uma cena marcante do filme em seu abre-alas, a cena da alucinação de Freder Fredersen. À frente, virá uma ala, denominada "Robôs", interagindo com os componentes da alegoria. Essa ala alerta para o momento atual do carnaval, onde cada vez mais se observa o crescimento do número de alas coreografadas em algumas escolas de samba.

Estácio

INSTITUTO DO CARNAVAL

Direção: Hiram Araújo, diretor cultural da LIESA

FORMAÇÃO SUPERIOR EM 2 ANOS

Curso de GESTÃO DO CARNAVAL

DISCIPLINAS

- Arte e Manifestações Populares
- Artes Plásticas no Carnaval
- Cenografia e Adereços para Carnaval
- Comunicação e Linguagens Carnavalescas
- Cultura Brasileira
- Design e Figurino para Carnaval
- Direito e Legislação do Carnaval
- Economia do Carnaval
- Elaboração de Projetos e Captação de Recursos
- Empreendedorismo
- Escolas de Samba e suas Operacionalidades
- Gestão de Escolas de Samba
- História da Arte
- História do Carnaval
- História Social da Arte da Cultura
- História Sociopolítica do Carnaval
- Iluminação para o Carnaval
- Introdução à Linguagem Visual e Estética
- Julgamento de Escola de Samba
- Laboratório de Produção de Projetos Carnavalescos
- Pesquisa e Documentação de Carnaval
- Planejamento Estratégico de Festas e Desfiles
- Práticas de Eventos Carnavalescos
- Projeto de Integração de Competências em Eventos Carnavalescos
- Relações Públicas
- Sociologia do Carnaval
- Turismo e Eventos Carnavalescos
- Universo do Carnaval

Áreas de atuação: empresas do setor de turismo e hotelaria, escolas de samba, blocos carnavalescos, clubes, prefeituras, órgãos públicos, agremiações folclóricas e ONGs.

Local: Av. Presidente Vargas, 2.560 – Centro **(Campus Praça Onze)**

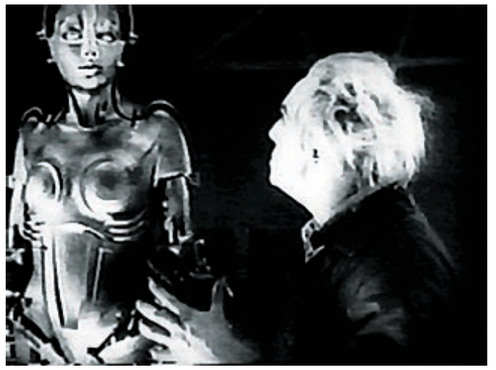
CONSULTE AS FORMAS DE INGRESSO NO SITE

Outras informações e inscrições pela internet ou em todas as unidades da Estácio.

Central de Atendimento: (21) 3231-0000

www.estacio.br/institutodocarnaval





Alex de Souza trabalha a história do artesanato desde o primeiro grande artesão do Universo, mostrando Deus criando o homem. “Do pó da terra ao sopro da vida. O Grande artesão do universo”. Quando o homem é expulso do paraíso, ele precisa produzir para sobreviver. “Legou ao homem a inspiração criativa. Ao deixar o paraíso, se fez preciso viver pelas próprias mãos”. Aos poucos, com a evolução tecnológica, social, e econômica, o homem cada vez mais é substituído pela máquina. “Com o passar do tempo, o mundo em evolução. Escravizado pela sua ambição, vê o futuro ao simples toque do botão”.

Nos setores seguintes, o enredo passeia pelas regiões do Brasil, mostrando o trabalho do artesanato brasileiro feito pelas mãos anônimas. “Mãos que se entrelaçam, da natureza, toda forma de expressão. Transborda em cada peça, sua imaginação, tão belas, tão lindas, uma cultura em cada região”.

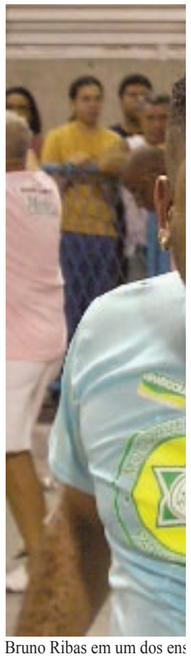
É a alternativa de emprego para o homem. “Um Brasil feito a mão, um só coração – liberdade!”



Cartaz do Filme Metrópolis

A

Inté
a c
i



Bruno Ribas em um dos ens
Mocidade na Sapucaí.

Jamelão. Polêmico, não aceita o título, dizendo que puxador é puxador de carro ou fumo. Perfere ser chamado de intérprete. Jamelão não é somente puxador ou intéprete de samba-enredo: ele é cantor do primeiro time da Música Popular Brasileira, e um dos melhores intérpretes, senão o melhor, de Lupicínio Rodrigues.

Atualmente, puxadores de escola de samba são convidados para se apresentarem fora das quadras, e muitos gravam discos fazendo carreira paralela. É o caso de Neguinho da Beija-Flor, Dominguinhos, Paulinho Mocidade e do próprio Jamelão. A maioria, porém, consegue fazer-se conhecida no período que vai do lançamento do CD das escolas de samba ao carnaval. Não é à toa que muitos têm outras profissões.

A responsabilidade do puxador ou do intérprete, conforme queiram, é muito grande. Toda a força do samba está concentrada em sua voz, e o resultado irá influenciar os milhares de desfilantes que dependem dele, para, de forma harmônica, cadenciada, apresentar um bom resultado.

Apesar da predominância do homem, algumas mulheres já exerceram essa atividade. Marlene, em 1972, puxando o samba da Império Serrano; Elza Soares, na década de 70, puxando o samba enredo "Rio Zé Pereira"; Tia Surica (Iranette Ferreira Barcalos) que, junto com Catoni e Marinho, puxou o samba-enredo de Paulinho da Viola na Portela, em 66; Clara Nunes, em meados dos anos 70, também na Portela; e Leci Brandão, que no início dos anos 90 puxou o samba da Acadêmico de Santa Cruz, vencedor do Estandarte de Ouro como melhor samba-enredo.

A Mocidade teve grandes intérpretes. Ney Vianna é o mais conhecido, a voz mais marcante da escola, que se calou precocemente em 89. Depois dele, destacou-se Paulinho Mocidade, que foi bi-campeão pela escola. Wander Pires e Bruno Ribas, o atual, são dois dos principais puxadores da atualidade, embora Bruno seja um dos mais novos do Grupo Especial. O sucesso do desfile da Mocidade começará quando ele, com o microfone em punho, entoar o seu grito de guerra: **"Entra em cena a Mocidade".**

Um Carnaval feito à mão

Operários da folia – anônimos artistas que constroem a maior festa popular do país - serão homenageados no enredo da Mocidade

Por Rodrigo de Castro

"Descobri que mais importante do que o produto artesanal era o artesão; que mais importante que o ofício era o homem"... Ao definir, por essa sentença, o ponto de partida para a materialização de seu enredo, o carnavalesco Alex de Souza talvez não imaginasse a homenagem que estaria prestando aos milhares de profissionais que, como o próprio Alex, definem-se como "operários da folia".

Nos muitos "barracões", como ainda são chamados os espaços onde a habilidade das mãos dá forma às alegorias, às fantasias e aos adereços, o carnaval ganha formatos e cores, recebe vida. Como num "sopro divinal", essas centenas de mãos trabalham harmoniosamente, complementando-se em criatividade, aliadas em esforço e suor, dividindo o mesmo espaço durante meses e aplaudindo suas próprias criações durante oitenta minutos na avenida. O suor desses operários não encobre o sangue artístico que corre em suas veias, não encobre a certeza de que nos bastidores mora o verdadeiro espetáculo.

Assim, para Orlando Gomes de Oliveira, que dedicou metade de seus 34 anos a dar vida as alegorias que compõe os carros da Mocidade, os oitenta minutos de desfile são apenas um ato deste espetáculo que para ele se desenrola durante um ano inteiro. Orlando desfila na Mocidade há 17 anos. Por isso, pode contemplar o carnaval vendo o público aplaudir suas criações, ainda que passe anônimo pela passarela do samba. "Sempre desfilei no chão, nunca em um carro alegórico. Mas ainda assim, me arrepio e choro de emoção quando vejo a Mocidade passando pela avenida", narra o emocionado artesão de fibras, responsável pelos carros alegóricos da verde-e-branco.

Mesmo sem o devido reconhecimento, Orlando pode sentir-se privilegiado. Trata-se de um dos poucos profissionais do "barracão" que pode se "dar ao luxo" de receber os aplausos que vêm da arquibancada da Sapucaí e interagir com suas criações na passarela do samba. Outros artistas, como Dona Olga Vianna, 60 anos de idade e duas décadas de dedicação

Foto Fernando Soutello



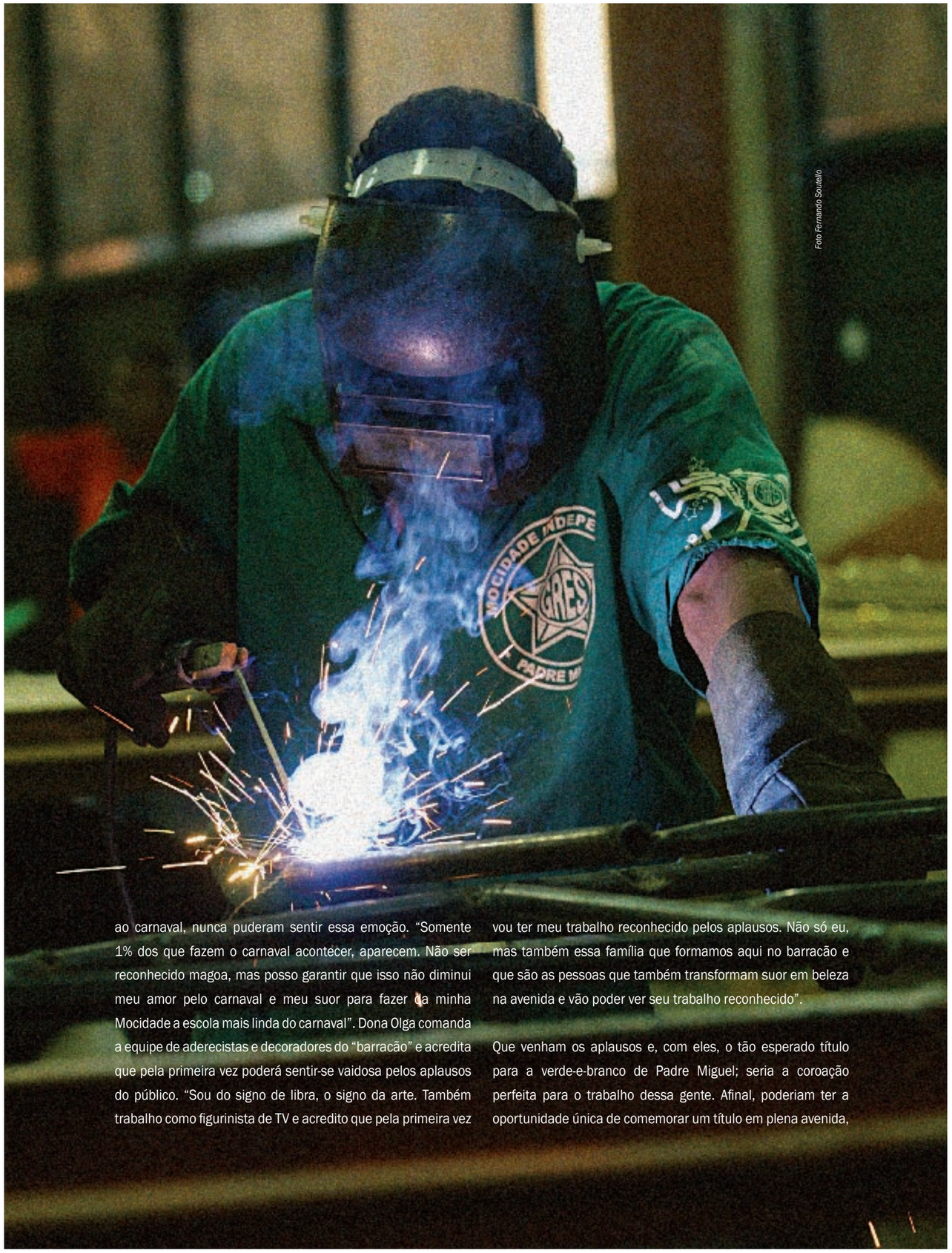


Foto Fernando Soutello

ao carnaval, nunca puderam sentir essa emoção. "Somente 1% dos que fazem o carnaval acontecer, aparecem. Não ser reconhecido magoa, mas posso garantir que isso não diminui meu amor pelo carnaval e meu suor para fazer da minha Mocidade a escola mais linda do carnaval". Dona Olga comanda a equipe de aderecistas e decoradores do "barracão" e acredita que pela primeira vez poderá sentir-se vaidosa pelos aplausos do público. "Sou do signo de libra, o signo da arte. Também trabalho como figurinista de TV e acredito que pela primeira vez vou ter meu trabalho reconhecido pelos aplausos. Não só eu, mas também essa família que formamos aqui no barracão e que são as pessoas que também transformam suor em beleza na avenida e vão poder ver seu trabalho reconhecido".

Que venham os aplausos e, com eles, o tão esperado título para a verde-e-branco de Padre Miguel; seria a coroação perfeita para o trabalho dessa gente. Afinal, poderiam ter a oportunidade única de comemorar um título em plena avenida,





Fotos: Fernando Soutello

pois graças à sensibilidade do carnavalesco Alex de Souza na concepção deste “Metaenredo”, seus operários da folia serão reconhecidos em pleno desfile, integrando o último carro da agremiação a passar pela avenida. Uma surpresa que promete mexer com a Marquês de Sapucaí e com a emoção dessa legião que alia suor e criatividade para fazer o carnaval da Mocidade.

O casamento entre enredo e realidade abre-se aos olhos dos admiradores do carnaval, permitindo aflorar outros laços sentimentais, sejam simbólicos, sejam reais, no decorrer de muitos meses de trabalho. Foi deste modo que Lucia Fátima Gomes, 46 anos e 36 deles dedicados à confecção de fantasias de grandes escolas do Rio de Janeiro, descobriu-se num casamento perfeito entre a criatividade desenvolvida pelo ”mestre” Joãozinho Trinta e sua capacidade de transformar toda essa criatividade em luxuosas fantasias. “Trabalhei com o Joãozinho Trinta durante mais de vinte anos e ele foi um mestre para mim. Ele é o verdadeiro mago do carnaval e me ensinou muito em termos de aproveitar materiais, transformar o carnaval em luxo e me fez ganhar a percepção de que cada carnaval transforma a minha vida”.

O “casamento” com Joãozinho Trinta acabou após a aposentadoria do seu mestre. Dona Lucia flertou, então, com o estilo de carnaval produzido pela Mocidade Independente de Padre Miguel com o enredo Tupinicópolis, em 1987, e quis o destino que o encontro com o carnavalesco Alex de Souza se desse numa passagem dele pela Acadêmicos da Rocinha... O final feliz dessa história se dá agora, em 2007, no quarto andar do barracão da Mocidade, na Cidade do Samba, onde foram produzidas as fantasias da escola. “Agora posso dizer que me casei de novo. Amo trabalhar com o Alex, pois sei de sua capacidade de criatividade, suas fantasias sofisticadas e detalhadas valorizam mais o nosso trabalho”.

Histórias da vida real.

Casamentos irreais são possíveis neste universo; histórias de sentimentos reais, também. Foi por meio da dedicação ao ofício e pelo amor pelo carnaval passado por gerações que Washington Luis Batista, 33 anos, chegou à Mocidade. Ele começou no oficio da carpintaria levado à escola pelo pai e pelo tio, que trabalhavam na agremiação. Hoje, ele comanda uma equipe de dez profissionais, responsáveis por toda a montagem dos carros alegóricos, durante os desfiles. “Toda a minha família desfila na Mocidade. Como eu nunca fui muito de sambar, tive que de alguma maneira estar ligado ao carnaval da escola e aprendi o oficio que meu pai e meu tio me passaram. Hoje, eles trabalham junto comigo no carnaval”. Pode-se se dizer que o trabalho de Washington percorre algo próximo aos 365 dias do ano e aos mais de 700 metros de Marquês da Sapucaí. Ele e sua equipe participam diretamente da montagem dos carros durante o desfile e atravessam toda a extensão do desfile para desmontagem dos carros, na dispersão da escola. “Esse ano a emoção vai ser diferente, pois sempre tive poucos minutos para ver a escola na avenida e agora vou poder curtir cada segundo do desfile, e o melhor, em cima do carro que eu mesmo ajudei a construir”.

Uma escola chamada carnaval. Assim a rotina do barracão é encarada pelo escultor Robson Vianna, 29 anos de idade, trabalhando na Mocidade desde os vinte. Licenciado em Educação Artística pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o então folião preferiu experimentar o aprendizado prático dos barracões e o lado profissional de se fazer carnaval. “O carnaval é minha inspiração para criar. Não existe mais preconceito acadêmico para com o carnaval, que passou a ser temática de muitas aulas. O dia-a-dia do barracão permite a troca entre a teoria de pesquisa artística e a prática concreta”, sentencia Robson que vê no carnavalesco Alex de Souza os atributos dos grandes mestres de outros carnavais.

O maior dos “operários” que constrói a mão o carnaval 2007 da Mocidade Independente de Padre Miguel merece mesmo todas essas referências, afinal, melhor do que ninguém ele soube reconhecer o valor de seus artesãos ao colocá-los em plena avenida, não apenas em obra, mas também em corpo. “Num dos textos que pesquisei para o enredo, encontrei a citação que revela Deus como o primeiro dos artesãos. Afinal, de uma matéria inanimada Ele fez o homem. Isso eleva o artesão à categoria divina”.

Fotos: Fernando Soutello





Mulata Hightec

Nasce a primeira passista virtual do carnaval carioca.



UM METRO E OITENTA E QUATRO de altura, curvas literalmente desenhadas, gingado futurista e samba na ponta do pé; atributos de rainhas da bateria de escolas de samba. Sob as mãos de designers, animadores e ilustradores e uma "gestação" virtual que durou cerca de três meses, nasce a Mulata Hightec, capa da Revista de carnaval da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Criada e desenvolvida pelos profissionais de criação da agência Marlyn Comunicação, a passista, ainda sem um nome definitivo, foi carinhosamente apelidada pela equipe que a criou de Mu-lata. O nome engloba a referência de "musa do carnaval" nas iniciais e remete ao estilo futurista da modelo, metade humana, metade robótica. Assim, a personagem virou uma das referências mais aguardadas da revista por parte dos diretores e componentes da agremiação de Padre Miguel, que já a conhecem de nome.

Desenvolvida através dos mais sofisticados programas de computação em 3D e finalizada em pintura digital, a modelo de capa da Revista da Mocidade entra para o time de beldades que desfilam pela escola. Existe a expectativa de colocá-la em pleno desfile do Sambódromo no próximo carnaval. Enquanto não pousa na avenida do samba, esse verdadeiro "avião" posa para sua primeira sessão fotográfica, para a nossa capa, e revela em fotos exclusivas toda a sua sensualidade Hightec.

POR RODRIGO DE CASTRO





Imagens: Marlyn Comunicação

Enredo 2007

Por Alex de Souza

INTRODUÇÃO

"Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou lhe nas narinas o fôlego da vida". (Gênesis 2:7) Divina criação, o corpo é uma máquina, onde Deus pôs todas as peças necessárias a seu funcionamento, um conversor de energia, uma máquina animada. "Ãnima", que em latim significa ALMA.

Deus foi o primeiro e o mais perfeito ARTESÃO do universo. O barro nas mãos do oleiro divino passou a ter vida, e essa inspiração criativa foi transmitida ao homem, que com suas mãos começou a transformar o barro e tantas matérias-primas em arte, em objetos utilitários, lúdicos, decorativos e religiosos.

Expulso do paraíso, o homem foi condenado a vagar pela terra e a trabalhar sem descanso, para obter o pão de cada dia. Produzia manualmente, utensílios para armazenar e cozer alimentos, tecer fibras animais e vegetais. O ARTESANATO ficou concentrado então em espaços conhecidos como oficinas. Criaram-se as Corporações de Ofício. Do aparecimento das primeiras atividades urbanas à formação dos burgos, incentivou-se a criação da indústria de manufatura. A ENERGIA HUMANA foi aos poucos sendo SUBSTITUÍDA pela motriz, uma evolução tecnológica, social, e econômica era anunciada. Seguem-se "Industriais Revoluções", mecanizaram a produção, surgiram fábricas e a chamada classe operária. Um simples toque de botão dá conta do trabalho de muitos. Se paga o preço do progresso. Globalização, competição, mercado recessivo, desemprego, exclusão.

1ª.Parte - NÃO HÁ VAGAS?

O homem sonhou em criar algo ou alguém que fosse sua imagem e semelhança para auxiliar nas tarefas.

MOCIDADE volta a um FUTURO imaginado por teóricos de outrora. E nada é mais antigo que vislumbrar o novo.

Reprisa da grande tela, o velho PESADELO TECNOLÓGICO. Eis que surge METRÓPOLIS: a expressionista, futurista e aterradora cidade. FRIA, MECÂNICA e INDUSTRIAL. Cenário de beleza caótica e perversa, decadente e melancólica. Primeiro grande filme de ficção científica, onde poderosos residem na superfície, num lugar chamado Jardim dos Prazeres, enquanto a grande massa operária, escravizada pelas máquinas, é condenada a viver e trabalhar em galerias no subsolo, a Cidade dos Operários.

Em tcheco "robota" significa trabalho obrigatório ou trabalho forçado, um "robotinik" é um servo. Nasce assim à figura do ROBOT, aquele que nunca se cansa ou comete erro, não precisa se alimentar, não faz exigências, não tem sonhos, nem aspirações, não recebe salário, não se rebela... Tudo o que lhe falta é uma alma...

Até que hordas de autômatos insurgem e assumem o comando, TEMPOS MODERNOS onde trabalhadores formam rebanhos, literalmente engolidos pela monstruosa máquina em que trabalham.

Por fim, aqueles que ousaram "brincar de Deus", ao criar um substituto com inteligência artificial, são condenados à destruição.



Doces Caseiros | Pessanka | Jóias Gaúchas | Arte Plumária | Cortume dos Pampas | Pierrôs Andróides



Rendas da Ilha da Magia | Proletariaedo Androide | Cestaria | Cerâmica Marajoara | Orixás de Metal

2ª. Parte – MÃOS À OBRA

Sem TRABALHO, o homem não avança sequer um palmo em seu progresso pessoal.

Enfrentando o império da MÁQUINA, a TRADIÇÃO dá as mãos às novas oportunidades. Se na máquina há frieza, retornaremos ao calor das mãos. Retornar á SIMPLICIDADE da vida, da NATUREZA que se faz ARTE, o ingênuo, o singelo.

O trabalho ARTESANAL ressurge como uma alternativa, revitalizando áreas carentes, possibilitando inserção social e desenvolvimento sustentável, visando a um futuro promissor. O amanhã somos nós que construímos.

De todas as REGIÕES DO PAÍS fomentam pequenas comunidades organizadas em associações, capacitando e transformando a atividade ancestral em fonte geradora de renda. RESGATE CULTURAL E SOCIAL, patrimônio do nosso povo.

Atividade das mais antigas, o artesanato brasileiro, já encantava os europeus, quando aqui aportaram.

UM BRASIL FEITO À MÃO. Como que comparado a uma grande colcha, construído com retalhinhos de várias procedências étnicas, raciais e culturais, costuradas pelas linhas do tempo.

MÃOS ANÔNIMAS que transmitem seus sentimentos a cada peça. São mãos que transformam a matéria-bruta, e a converte, com imaginação, em coisa útil e bela. As novas gerações recebem das mais velhas, suas técnicas, identidade e expressão. Recicla o que a natureza dá e produz sem poluir.

É idéia que se faz forma, e as cores, tantas como as da gente brasileira. Mãos que se confundem com o tom do barro forte na cerâmica. Na palha de carnaúba, sisal e capim dourado que se entrelaça. No couro que curte. Na tecelagem manual. Nos preciosos bordados; tapeçaria; bijuteria; tricô; renda de bilro e de labirinto. Brinquedos. Trabalhos em madeira, metal, pedra sabão. Perfumaria, moda e culinária. Herança que não sucumbiu à modernidade.

Como diria Guimarães Rosa, nas palavras do personagem Riobaldo, *vida é MUTIRÃO de todos, por todos, remexida e temperada*.


Artigos Religiosos


Mascarada Robótica


Arlequins Cyborgs


Redes


Essência de Patchouli


Flor do Cerrado

3ª. Parte – FUTURISMO FOLIÃO

Na nossa “Metrópolis do samba”, as máquinas ainda não dominaram o ofício carnavalesco e nem substituíram o talento. Há FÁBRICAS DE SONHOS que produzem para o grande show, o maior da terra. Também realizado por mãos anônimas que trabalham um ano inteiro, dignos de nossos mais sonoros APLAUSOS. São ferreiros, carpinteiros, escultores, pintores de arte, decoradores, carnavalescos, figurinistas, costureiras, laminadores, iluminadores, técnicos em efeitos especiais. Operários a serviço da ALEGRIA... Artífices do carnaval. Artesãos da maior festa carioca e brasileira, eles são as ESTRELAS do espetáculo. O reconhecimento é a verdadeira APOTEOSE. Arte do efêmero, que como disse o poeta: pra tudo se acabar na quarta feira. E na fantasia carnavalesca de um futuro imaginado no pretérito, nossos robôs inspirados em ficção científica são alegorizados por uma cabeça delirante e criativa, surgindo na PASSARELA, inofensivos e foliões em um enredo campeão. Queremos ver nossa estrela brilhar. E samba no pé, é no teleco teco, é no catiripapo do balaco baco, no meu ziriguidum.

E só pra encerrar vai aí o nosso recado:“O melhor profeta do FUTURO é oPASSADO”.


Rendas e Bordados


Cerâmica Kadiwéu


Viola de Cocho


Trançados Maranhenses em Buriti


Capim Dourado



Foto Diego Mendes

A Mocidade do Futuro

QUAL O FUTURO das escolas de samba? A pergunta é recorrente: os desgostosos com o carnaval costumam fazê-la constantemente, quase em todos os carnavais. E traz embutida uma resposta negativa, como que prenunciando um futuro incerto e duvidoso. A inauguração da Cidade do Samba marcou um momento histórico para as escolas de samba – as quais, no entanto, têm de adaptar-se a uma realidade em que a administração profissional será a tônica. Os desafios são muito grandes, do tamanho da complexo da Gamboa. Devido às dificuldades por que passam muitas escolas, a pergunta volta à tona. Mas a resposta a Mocidade encontrou, e é positiva.

Entevista com o Presidente Paulo Vianna

Paulo Vianna era criança quando seu pai, o ex-vereador Waldemar Vianna, ajudou a fundar a Mocidade. Aos 11 anos, começou a desfilar. Hoje, aos 59, ele resume, com orgulho, seu currículo: "Já saí na comissão-de-frente, saí como passista, pertenço à diretoria desde 65, já fui conselheiro e vice-presidente." Acrescente-se a isso o importante papel que desempenhou na ascensão da escola, nos anos 70. Porém, como no carnaval nem tudo são flores e purpurinas, Paulo Vianna acompanhou os problemas que a enfraqueceram, a partir de meados dos anos 90, depois da morte de Castor de Andrade.

Ao reassumir a presidência da Mocidade, em 2004, Paulo Vianna estava consciente do desafio de soerguer a escola – o que, confessa ele, está apenas no início, mas será percebido pelo público da Marquês de Sapucaí: "No carnaval de 2007 as pessoas já vão notar que a Mocidade está mudando, será de novo alegre, ousada, moderna, revolucionária. É um trabalho a médio prazo."

Sua experiência permite-lhe mirar o passado para buscar soluções para o presente. É assim quando diz que o desafio de sua gestão é o mesmo de três décadas atrás. Se naquela época a contratação do carnavalesco Arlindo Rodrigues foi um marco, a vinda de Alex de Souza, um dos talentos da nova geração, é a esperança não só de Paulo Vianna, mas de torcedores e admiradores da escola. Nesta entrevista, ao fazer um balanço de sua administração, Paulo Vianna anuncia uma importante novidade: a Mocidade ganhará uma nova quadra em meados deste ano.

A Mocidade completou 51 anos em novembro. Como a escola está-se preparando para o futuro?

Estamos fazendo um trabalho de saneamento. A escola passou por um momento muito conturbado, apesar de ser uma senhora de meia-idade (risos). A Mocidade está-se preparando, está-se organizando. Falo sanear em vários aspectos. Por exemplo: trabalhar com pessoas que tenham pensamento avançado, que não sejam saudosistas. É sanear financeiramente, também. Estamos trabalhando para que a Mocidade volte ao seu lugar de origem, que é entre as primeiras colocadas. No carnaval de 2007 as pessoas já vão notar que a Mocidade está mudando, será de novo alegre, ousada, moderna, revolucionária. È um trabalho a médio prazo.

> "Tenho uma história na Mocidade"

A Mocidade não conquista um título desde 96. O que explica esse jejum de onze anos?

Vou responder voltando à década de 70. Em 74, eu e Osman Pereira Leite assumimos a Mocidade e trouxemos o Arlindo Rodrigues. Foi uma grande transformação na escola. Ficamos de 74 a 79 para conseguir nosso objetivo, que era conquistar o título. O recente período de conturbação mergulhou a escola num mar de notícias negativas. Comprometendo a administração da escola. A gestão atual tem missão parecida com a de três décadas atrás: transformar a Mocidade.

Como é administrar uma escola de samba hoje?

É muito difícil. O carnaval de hoje é muito caro. Para se ter uma idéia, a Mocidade tem uma despesa de quase um milhão de reais só com a mão-de-obra do barrracão, além da folha de pagamento dos funcionários administrativos. As escolas competem num patamar de igualdade. Há muitas escolas que enfrentaram problemas para pôr o carnaval na rua.

O dinheiro que elas recebem da televisão e da venda de ingressos não é suficiente?

O nível e muito alto; e as agremiações de outros municípios saem na frente porque normalmente as prefeituras injetam recursos, quinhentos mil, um milhão. A Mocidade recebe hoje, ao todo, aproximadamente três milhões, e o nosso carnaval está estimado em quase cinco. Ou seja: há um déficit de quase dois milhões. Então, temos de captar recursos na iniciativa privada. O governo federal não dá um tostão às escolas. Mas a Embratur usa imagens do desfile das escolas de samba para divulgar o Brasil no exterior. E explora o carnaval do Rio como o maior espetáculo da Terra.





Foto Fernando Soutello

Além disso, há um outro problema que afeta diretamente a economia das escolas de samba: a violência no Rio de Janeiro.

É verdade, é um problema muito sério. As escolas ensaiam à noite, e as pessoas estão com medo de sair de casa. Foi por isso que eu apresentei a proposta à diretoria da Mocidade de transferir a nossa quadra para outro lugar. A própria comunidade queria isso.

Onde será a nova quadra? Quando será inaugurada?

Será no Creib (Clube Recreativo e Esportivo dos Industriários de Bangu) de Padre Miguel. Nossa quadra atual é pória, e a prefeitura tem fará naquele espaço uma creche e uma escola de música para a comunidade, o que será muito importante. Em troca, a prefeitura nos cedeu o Creib. Já conversei com o prefeito César Maia. Após o carnaval, lá pelo meio do ano, junho ou julho, iniciaremos nossas atividades na nova quadra.

Desde que Renato Lage saiu, em 2002, a Mocidade já teve cinco carnavalescos. A escola, do ponto de vista estético, está passando por crise de identidade?

Acho que, com Alex de Souza, finalmente chegamos ao nome certo. Ele é criativo, ousado, inteligente. Ele mora em Padre Miguel, torce pela escola e trabalhou muitos anos com Renato Lage. Ele tem a cara da Mocidade. Como falei, no desfile deste ano as pessoas verão que a Mocidade está no trilho certo. Não tivemos sorte nos últimos desfiles. Cometemos erros, tivemos problemas, nossa colocação foi ruim. Por isso, temos de surpreender.

Em abril haverá reeleição. Por que você concorrerá a mais um mandato?

A escola não tem ninguém em condições de ser presidente. Se tivesse, não estaria aqui. Tenho uma história na Mocidade. Não comecei ontem. Já saí na comissão-de-frente, saí como passista, pertenço à diretoria desde 65, já fui conselheiro e vice-presidente. Nosso trabalho de reeguer a escola continuará. Quando assumi, o patrimônio da escola era de oito mil e quinhentos reais. Consegui aumentar para duzentos e cinqüenta mil reais, e já estamos analisando enredos para 2008.



A eterna Mocidade de uma Mocidade

Por Fábio Fabato

Renovada, Estrelinha da Mocidade é mais do que uma escola de samba mirim. É uma escola para formar cidadãos



Caracterizada, essencialmente, pela força de sua comunidade, era natural que a Mocidade Independente de Padre Miguel estabelecesse um trabalho de formação de novos sambistas. A Estrelinha da Mocidade Independente, nascida em 1992 por iniciativa de Beth Andrade, nora do ex-patrono da escola, Castor de Andrade, e Vicente de Paula, presidente da ala "O agito", sempre trouxe embutido este ideal. A escola mirim enrolou a sua bandeira por cerca de 10 anos. Mas, com a eleição de Paulo Vianna, voltou à ativa, constituindo-se uma espécie de celeiro de craques do samba, além de pólo de integração social e cultural.

Maria das Graças Carvalho, presidente da Estrelinha há dois anos, conta que a intenção básica da agremiação é a de oferecer perspectivas e sonhos para a criançada da comunidade de Padre Miguel, carente de um olhar mais carinhoso por parte do poder público: "É gratificante proporcionar alegria para estes pequenos através do samba, que é uma manifestação de extrema importância na cultura carioca", diz.

Co-autor do samba de 2007 da Mocidade, Marquinho Marino ocupa a função de diretor geral de carnaval da Estrelinha: "É bacana poder lapidar talentos, o mesmo trabalho que fizeram comigo lá atrás". Ele é uma espécie de filho da agremiação, já que foi como ritmista do então mestre de bateria Burunga que estabeleceu os primeiro contatos com o samba.

A mesma leva que trouxe Marquinho permitiu o início da carreira de um amigo seu também ilustre: Lequinho – um dos compositores do samba de 2007 da Estação Primeira de Mangueira e de outros hinos da verde-rosa –, que ensaiou os seus primeiros acordes no carnaval como membro da escola mirim da Mocidade.

Componente bom é aquele que também tem notas altas no colégio

"Meu maior projeto é o de estabelecer uma base para que um menino que não teve as mesmas condições que outro, de mesma idade, morador da Zona Sul, possa trilhar um caminho do bem, passando ao largo de problemas como drogas e criminalidade", conta Marquinho. Segundo ele, duas escolas particulares da região, CEPROM e Marques Rodrigues, já possuem alas na agremiação: "Se não for possível conseguir bolsas de estudo para parte destes integrantes da Estrelinha, tentarei, pelo menos, um projeto para que alguns professores destes colégios possam ministrar aulas de reforço para eles", salienta o compositor e diretor.

A preocupação com os estudos dos componentes é um fator primordial na política empreendida pelos dirigentes. "Os meninos têm de nos mostrar os boletins, as notas, para que possamos acompanhar o desempenho no colégio. A participação no desfile é condicionada por estes fatores, justamente, para que possamos cumprir a nossa função social. Célia Vianna, vice-presidente da Estrelinha, e eu deixamos isto bem claro desde o início dos ensaios", explica Maria das Graças.

Para 2007, a escola conseguiu englobar os dois maiores pilares em um projeto de inclusão social: esporte e cultura. O enredo é "Rio 2007, esporte, amor e alegria no PAN da Estrelinha", de autoria de Sidiney Rocha, e trata do desenvolvimento das competições esportivas ao longo da história, tendo como pano de fundo e desfecho o Pan-Americano do Rio de Janeiro.

Segundo o carnavalesco, "a Estrelinha promoverá no carnaval 2007 a manutenção da saúde, a autonomia do corpo e a expressão criativa do movimento, atuando como agente de interação e transformação social", como deixou claro na sinopse entregue à agremiação. Ao todo, cerca de 1300 crianças, de cinco a 17 anos, participarão desta celebração de amor ao samba, ao esporte e à vida.

"O melhor de tudo é que no desfile dos meninos todos são vitoriosos", frisa a presidente. Longe de ser um mero discurso-chavão, a fala se justifica: o julgamento da Associação das Escolas Mirins do Rio de Janeiro (AESMRJ) premia cada escola por um quesito em que se destaca, o que, inegavelmente, valoriza e estimula o trabalho dos novos foliões.

Neste cenário de pequenos passistas, intérpretes e ritmistas, Padre Miguel, portanto, continua a fazer história. E dá asas à vitalidade, à vanguarda, cultivadas e colhidas no seio da própria gente que lhe dá suporte. Através de um contínuo erguer de sua bandeira, no plantar de sua raiz, a Mocidade revela para o mundo do samba um dos segredos da eterna mocidade: renovação.

A diferença entre **IR** e **VIR**
não está somente
no caminho.





Entrevista com Eduardo Paes

CARNAVAL, turismo, jogos Pan-americanos e, evidentemente, Mocidade Independente. Em visita ao barracão da escola, o secretário de Esporte, Cultura e Lazer do Estado do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, teceu elogios ao presidente Paulo Vianna e revelou com exclusividade à Revista da Mocidade os planos de sua secretaria para os próximos anos e os planos de fazer dos Jogos Pan-americanos de 2007 um evento marcante para a história da cidade.

Revista Mocidade – A Rosa Magalhães foi contratada para produzir a festa de abertura do Pan-americano. Uma ligação de imediato entre o carnaval e o evento. Como as escolas de samba da cidade poderão ser aproveitadas nas festividades culturais a serem realizadas durante o evento?

Eduardo Paes – Tratando da festividade de abertura dos jogos em si, a partir do momento que uma figura carnavalesca reconhecida por seu talento, como a Rosa Magalhães é convidada a participar da produção do evento, isso já demonstra a nossa intenção em aproveitar-se desta imagem positiva passada pela cidade, em relação ao carnaval e da visibilidade proporcionada por aquilo que de mais fantástico sabemos produzir em termos de manifestação cultural e popular que agente tem no Brasil, que é o desfile das escolas de samba.



Fotos Fernando Sotello

Revista Mocidade – Quando se define esta participação em definitivo? Eduardo Paes – Isso se dá entre abril e maio. O próprio evento de abertura será uma surpresa guardada as sete chaves. Estamos trazendo profissionais que atuam nos maiores eventos do mundo, como técnicos de iluminação da Disney, empresas de fogos de artifício que promoveram a festa de abertura das Olimpíadas de Sidney, enfim um time internacional, mas sob o comando da Rosa Magalhães.

Revista Mocidade – O enredo da Estrelinha da Mocidade, escola mirim da agremiação é o Pan-americano. Mencionada a devida importância ao esporte em sua gestão, qual a importância das escolas de samba na prática esportiva da cidade?

Eduardo Paes – Sou até suspeito para falar do trabalho da Mocidade na gestão do Paulo Vianna, pois conheço bem esses projetos e o que o Paulo faz pelas comunidades carentes da Zona Oeste. Mas olhando o Paulo Vianna, presidente da Mocidade Independente, posso enumerar projetos como a Vila Olímpica de Padre Miguel que é luta política dele e assim como a própria quadra da escola que se abre para a comunidade, atraindo a população carente do seu entorno a participar de seus projetos sociais. Desse mesmo modo deve-se fazer com o esporte. Como as agremiações têm o ápice de suas atividades no período do carnaval, no decorrer do ano estas mesmas escolas devem ter um papel permanente de auxiliar o estado nessa busca por incentivar as atividades esportivas e culturais em seu entorno. Muito mais do que o estado promover a prática esportiva, torna-se mais viável uma parceria entre o estado e estas escolas de samba para implantação deste tipo de ação em suas comunidades. Neste sentido a Mocidade é um grande exemplo.

> "Sou até suspeito para falar do trabalho da Mocidade".

Revista Mocidade – Ainda existem correntes de opiniões nas escolas que o potencial turístico do carnaval carioca é muito mal explorado, mesmo com as escolas de samba promovendo um espetáculo mundialmente conhecido. O Sr. concorda com isso? O que pode ser feito para um avanço nesta questão?

Eduardo Paes – De certo modo concordo. Acho que nós ainda não conseguimos passar para fora a verdadeira dimensão do espetáculo. A visão do carnaval e do desfile ainda é estereotipada. A Cidade do Samba e a visita aos barracões são alternativas para gerar essa visão mais real. Assim, deveríamos trabalhar o turismo de carnaval de forma segmentada, gerando o turismo do carnaval durante todo o decorrer do ano.

Revista Mocidade – Ao afirmar essa possibilidade de desfilar na Mocidade, o secretario estaria confessando-se torcedor da escola?

Eduardo Paes – Eu tenho um carinho enorme pela Mocidade, até por essa relação de amizade com o presidente Paulo Vianna. Além do mais, ainda quando garoto, cresci acompanhando a ascensão da escola e admirando a fantástica bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Revista Mocidade – O Sr. sabe que o Paulo Vianna é candidato a reeleição. Qual a importância que o secretario dá as ações do Paulo frente a agremiação e a região da Zona Oeste?

Eduardo Paes – Eu acho que a resposta está em olhar para a região antes e depois da influência política do Paulo Vianna. Olhar para a Mocidade e Olhar para Padre Miguel, enxergar como o Paulo conseguiu transformar o entorno da região. Assim, conseguiu transformar a escola em uma escola campeã e deu a região uma melhoria em qualidade de vida a partir dos muitos projetos sociais que ali desenvolveu, das ações de entretenimento e do espírito de agregação da comunidade em torno da Mocidade.

Revista Mocidade – O Sr. é candidato a prefeito em 2008?

Eduardo Paes – (risos) 2008 agente só decide em 2008. Nada de se preocupar antes do tempo. Agora eu só quero desfilar um bom carnaval na Mocidade.



Eduardo Paes em visita ao barracão da Mocidade, na Cidade do Samba.

Uma escola que não é só de samba...

A retribuição ao amor de uma comunidade através da solidariedade.

Por Rodrigo de Castro

"Amar, viver, sonhar, acreditar"... versos cantados na letra do atual samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel e que podem perfeitamente sintetizar a relação entre a agremiação e apaixonada e carente comunidade. O futuro de uma país feito à mão, aqui se faz com samba e solidariedade.

Liderados pela primeira-dama da agremiação e Coordenadora de Projetos Sociais, Célia Vianna e pela Presidente do Departamento Feminino, Maria das Graças cerca de 50 voluntários, como o dentista e compositor da Mocidade, Ricardo Simpatia, geram alternativas as estatísticas que condenam as comunidades da Zona Oeste do Rio de Janeiro, em especial a da Vila Vintém, entre as mais carentes da cidade. São iniciativas que vão desde o oferecimento cestas alimentares, passando pelas ações sociais de cidadania até a orientação educacional dos futuros ritmistas e "sambistas" da agremiação.

No primeiro domingo de cada mês, a quadra da escola sofre uma metamorfose e se transforma no maior centro de ação social da Zona Oeste. Ali são doadas a cestas básicas a cerca de 700 famílias que participam de um grandioso almoço no local, preparado pelas mãos das Baianas da escola. Durante o evento, serviços como emissão de documentos, aplicação de flúor em crianças de 3 a 13 anos e cortes de cabelo são oferecidos gratuitamente por parte de parcerias com empresários e micro-empresários da região.

De acordo com a Coordenadora dos Projetos Sociais da Mocidade, Célia Vianna, as crianças da comunidade são o foco para o alcance de um resgate da auto-estima através dos projetos sociais da escola e na iniciativa de fazer com que essas crianças migrem das ruas para o samba. "Nossa iniciativa visa tirar as crianças das ruas, passando-lhes noções de ética, cidadania e ensinando ofícios profissionais e artes, como dança, teatro e percussão" revela.

As ações atendem a comunidade de Vila Vintém e região desde 1998, quando um cadastro de moradores foi efetuado para que as famílias fosse atendidas pelo projeto. No entanto, as ações só foram realmente efetivadas a partir da eleição de Paulo Vianna como presidente da agremiação em 2001.

Hoje, segundo dados do Departamento Feminino, cerca de duas mil pessoas são atendidas pelos projetos da Mocidade, que visam formar além de "sambistas", futuros cidadãos de bem. "Os projetos em parceria com a Estrelinha da Mocidade alcançaram a participação de professores de música e escolas da região que oferecem bolsas de estudos para nossas crianças", conta Célia Vianna. Para participar das aulas e ensaios da agremiação mirim, os alunos devem apresentar seus boletins escolares com notas condizentes ao seu bom desempenho na evolução do samba.

Até mesmo o artesanato, foco do enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel para seu carnaval em 2007 é focado nos projetos. As ações com material artesanal e não-reciclável para o carnaval visam a produção de peças artesanais que são comercializadas por moradores da comunidade cadastrados e que encontram-se desempregados.

Um Brasil feito à mão e à base de solidariedade que permite que uma comunidade possa viver, sonhar e acreditar em dias melhores.

As ações sociais realizadas na quadra da Mocidade que envolvem cerca de 50 voluntários e atendem a cerca de 700 famílias da Zona Oeste.









A Minha Mocidade

Por Reinaldo Leal

Como jornalista, acompanho os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro há 17 anos. Nos meus primeiros passos no Sambódromo, a Mocidade sobressaiu com dois desfiles inesquecíveis da dupla Renato Lage e Lílian Rabello.

Em 90, com Vira, virou, a Mocidade chegou, e em 91, com Chuê, chuá, as águas vão rolar, a escola inovou: luzes com néon, telões de imagens virtuais, cascatas de água nas alegorias, onde modelos se banhavam; e o carro que trazia um feto girando numa bolsa d'água. Não dá para esquecer, assim como os dois sambas, que ainda estão vivos em minha memória. Lembro-me também do sonho do tricampeonato, no ano seguinte, quando desfilou com o enredo Sonhar não custa nada ou quase nada. O sonho esbarrou no belo desfile da Estácio de Sá, que conquistou seu primeiro campeonato, mas o samba da Mocidade foi marcante, e é cantado até hoje nas rodas e nas quadras.

Depois dos dois títulos, a Mocidade voltou a ser campeã em 96, com Criador e Criatura, de Renato Lage. Foi, igualmente, um desfile fantástico. A escola entrou no Sambódromo ao amanhecer, pois o desfile atrasara, e a luz do sol acabou atrapalhando os efeitos visuais que Renato Lage preparara. Mas nada que lhe pudesse tirar o brilho. Parece-me recente, mas já se passaram onze anos. De lá para cá, muita coisa mudou no mundo, no Brasil, no Rio de Janeiro - e em Padre Miguel. Hoje presidida por Paulo Vianna, a Mocidade parte para mais um carnaval, desta vez com o enredo Futuro no pretérito, o Brasil feito a mão, de Alex de Souza.

Para a Mocidade, os tempos ficaram mais difíceis. É um grande desafio para o presidente Paulo Vianna. Conheci-o quando fomos filiados a um partido político, muito antes dos anos 90. O Brasil fazia a abertura lenta e gradual, e nós, eu e Paulo, lutávamos pela liberdade, pela democracia. Depois, quando ele por um tempo morou na Tijuca, onde moro há décadas, costumávamos conversar sobre os mais variados assuntos. Eleito vereador, Paulo Vianna lutou para que clubes e associações pudessem resolver problemas até hoje cruciais ao seu desenvolvimento. Não enriqueceu por sua ação política, numa época em que a política começava a sair das páginas tradicionais para a crônica policial. Freqüentemente, encontro-o no Sambódromo. Não mudou nada. É a mesma pessoa simples e aguerrida. Esperamos que a Mocidade consiga superar todas as suas dificuldades e realizar mais uma vez um grande desfile - como aliás tem sido um marco da sua participação no carnaval carioca.